



# Boletim da Sociedade das Ciências Antigas

Publicação da Sociedade das Ciências Antigas — Todos os Direitos Reservados

Volume III, edição XIX Janeiro-Feveireiro de 2012

## O caminho para Deus e o Estado de União - Madame Guyon

### Nesta edição:

O caminho para Deus e o Estado de União - Madame Guyon 1

Manual de Tradições Judaicas 13

Cardo - por Baruk Cruz 37

Contos Espirituais 46

### Parte I

### O caminho para Deus

#### Capítulo I

#### O primeiro grau: Conversão

1. O primeiro grau é o retorno da alma a Deus, quando, estando verdadeiramente convertida, passa a subsistir através da graça.

#### Capítulo II

#### O segundo grau: O toque efetivo na Vontade

2. A alma recebe um toque efetivo na vontade, que a atrai ao recolhimento, instruindo-a de que Deus está no interior e ali deve ser buscado; Ele está presente no coração, onde deve ser desfrutado.

3. No princípio, esta descoberta, é fonte de grande alegria para a alma, como se fosse um anúncio ou uma garantia da felicidade que está por vir; neste exato princípio, o caminho que ela procura é aberto e mostrado como sendo aquele da vida interior. Este conhecimento é o mais admirável, a fonte de toda felicidade da al-

ma e o sólido fundamento do progresso interior; aquelas almas que buscam a Deus apenas pelo intelecto, muito embora possam desfrutar de uma espécie de contemplação espiritual, nunca poderão penetrar uma união íntima, se não deixarem este caminho e entrarem naquele do toque interior, onde todo trabalho concentra-se na vontade.



4. Aquelas levadas a este caminho, ainda que conduzidas por um cego abandono, experimentam um saboroso conhecimento. Nunca caminham pela luz do intelecto, como as primeiras, que recebem distintas luzes para conduzi-las, e que tendo uma visão clara do caminho, nunca adentram aquelas passagens impene-

tráveis da vontade oculta; passagens estas reservadas para este segundo tipo de alma.

**5.** As primeiras atuam de acordo com as evidências fornecidas pelas luzes intelectuais, assistidas pela razão e atuam bem; mas as segundas estão destinadas a buscar cegamente um caminho desconhecido; esta condição lhes parece perfeitamente natural, embora se sintam obrigadas a *sentir* o caminho. Caminham com maior convicção do que as outras, sujeitas a se iludirem com seus esplendores intelectuais; mas as segundas são guiadas por uma Vontade suprema que as conduzem como convém. Além disso, todas as operações mais imediatas são realizadas no centro da alma, ou seja, nos três poderes reduzidos à unidade da vontade, onde são todos absorvidos; seguem insensivelmente o caminho a elas prescrito através daquele toque, ao qual nos referimos anteriormente.

As segundas buscam o caminho da Fé e do abandono absoluto. Elas não possuem satisfações, nem liberdade em outro caminho; todo o resto lhes causa constrangimento e embaraço. Habitam em maior aridez do que as outras, pois suas mentes não se apegam a nada que seja distinto, seus pensamentos frequentemente se dispersam, nada os fixam. As almas são diferentes; umas são mais sensíveis, outras mais secas; o mesmo ocorre com aqueles que são levados pela vontade; as almas do primeiro tipo, possuem satisfações e aquisições menos sólidas e devem retrair sua disposição bastante ávida, deixando que as emoções passem, mesmo quando parecem queimar de amor; as almas do segundo tipo, parecem ter um estado natural mais difícil e insensível; contudo, há algo delicado na profundidade da vontade, que lhes serve como nutriente; é a essência condensada daquilo que as outras experimentam no intelecto e no ardor dos propósitos.

**6.** Sendo o apoio que a alma recebe bastante delicado, frequentemente torna-se imperceptível e oculto pelas menores coisas. Isso faz

surgir um enorme sofrimento, especialmente nos momentos de tribulação e tentação; pois, como a satisfação e o apoio são frágeis e ocultos, a vontade toma parte do mesmo estado em alto grau, de forma que estas almas não possuem nenhuma daquelas vontades fortes. O estado em que se encontram é mais indiferente e insensível e o caminho mais uniforme; mas, isso não as livra de possuírem problemas graves e até mais sérios do que as outras; pois nada nelas se faz pelo impulso, tudo ocorre naturalmente e sua vontade oculta, insensível e frágil não pode ser encontrada para enfrentar seus inimigos. A fidelidade que possuem, contudo, frequentemente excede a das demais. Observem a notável diferença entre Pedro e João; um parece se exceder com um zelo extraordinário e se deixa abater diante da simples voz de um servo; o outro não faz manifestações externas e permanece fiel até o fim.

**7.** Vocês poderão questionar: se estas almas não são impulsionadas por nenhuma influência violenta, mas caminham cegamente, cumprem a vontade de Deus? Sim, e da forma mais verdadeira, embora não estejam convencidas disso; Sua vontade está gravada com caracteres indelévels em seus recônditos mais íntimos e é cumprida com frieza e languidez, mas de forma firme, inviolável e abandono, o que as outras alcançam através das atrações de um intenso deleite.

**8.** Assim caminham sob a influência deste toque divino, de grau em grau, por uma fé mais ou menos sensível, experimentando constantes alterações de aridez e satisfação da presença de Deus, mas sempre percebendo que a satisfação torna-se cada vez mais profunda e menos perceptível, mais delicada e interior. Descubrem também que em meio à aridez e sem luz distinta, não são as menos iluminadas; pois este estado é luminoso por si só, ainda que obscuro para a alma que nele habita. Isso é tão certo, que se encontram mais inteiradas com a verdade; Falo daquela verdade implantada em seu interior, que faz

com que todas as coisas se curvem à vontade de Deus.

Esta vontade divina torna-se mais familiar a elas, que são capazes, em seus caminhos insíptos, de penetrar milhares de mistérios que nunca teriam sido descobertos pela luz da razão e do conhecimento. São insensíveis e gradualmente preparadas para os estados que se seguem, sem se darem conta disto.

**9.** As trilhas deste estado são alterações de aridez e facilidade.

A aridez purificou a tendência e a satisfação natural pelo desfrutar de Deus. Todo este grau passa por alternâncias de prazer, aridez e facilidade, sem qualquer mistura de tentações, a não ser aquelas transitórias ou certas faltas; pois em todo estado, do começo em diante, as faltas da natureza são mais prováveis de nos ocorrer em tempo de aridez do que em épocas de satisfação interior, quando a unção da graça nos protege de inúmeros males. Em todos os estados precedentes, a alma esteve comprometida em combater seus maus hábitos e em conseguir superá-los através de todo tipo de dolorosa autonegação.

**10.** No princípio, quando Deus voltou seu olhar para dentro, ele influenciou tanto a alma contra si mesma, que ela foi obrigada a cortar todas as suas satisfações, até mesmo as mais inocentes, sobrecarregando-se com todo tipo de aflição. Deus não dá descanso, até que a vida da Natureza, ou seja, dos sentidos exteriores, manifestada em apetites, gostos e desgostos, esteja totalmente destruída.

**11.** Esta destruição dos apetites e a repugnância dos sentidos externos, pertencem ao segundo grau, que tenho chamado de toque efetivo na vontade; grande e elevada virtude é aqui praticada, especialmente quando a atração interior é vigorosa e a unção bastante saborosa. Pois não há artifícios da alma que Deus não descubra, a fim de permitir

que ela conquiste e supere o EU em todas as coisas; através desta prática constante, acompanhada pela graciosa unção a qual nos referimos anteriormente, o espírito é auxiliado pela natureza; a parte interior se sujeita sem resistência. Não ocorre então, mais problemas desta fonte, como que se todos os sentimentos exteriores fossem afastados. Este estado é mal compreendido e considerado como um estado de morte, por aqueles poucos esclarecidos; trata-se, de fato, da morte dos sentidos, mas está muito longe de ser a morte do espírito.

### Capítulo III

#### O terceiro grau: Passividade e Sacrifício interior

**12.** Quando descansamos por algum tempo após uma vitória difícil e trabalhosa e nos julgamos livres para sempre de um inimigo, cujo poder total fora destruído, entramos no terceiro grau; este grau segue àquele do caminho da fé mais ou menos saborosa, de acordo com o estado. Penetramos uma condição de alternância entre aridez e facilidade, como já foi dito; nesta aridez, a alma percebe certa fraqueza exterior, defeitos naturais, que embora leves, a surpreendem; ela sente também que a força recebida através da luta, vai se perdendo. Isso é causado pela perda de nossa atividade ou força interior; pois, embora a alma, no segundo grau, imagina estar em silêncio diante de Deus, isso não ocorre completamente. Ela não fala, de fato, nem no coração, nem pela boca, mas se encontra em uma luta ativa por Deus e num constante suspirar de amor, de modo que, sendo o sujeito da mais poderosa atividade de amor, exercida pelo Amor Divino para Consigo mesmo, a alma avança continuamente em direção ao seu objetivo; esta atividade é acompanhada de uma deleitosa e quase constante paz. Como através da atividade de amor adquirimos a força para superar a natureza, começamos então a praticar as grandes

virtudes e as mais severas mortificações.

**13.** Mas, na proporção em que esta atividade decai e fica perdida numa passividade amorosa, fazendo com que a nossa força de resistência enfraqueça e diminua, enquanto o estado avança, e a alma se torna cada vez mais passiva, ocorre que a alma perde seu poder de combate. Na medida em que Deus se fortalece no interior, nos tornamos fracos. Alguns se referem a esta impossibilidade de resistência como uma grande tentação, mas não percebem que todo nosso trabalho, assistido e auxiliado pela graça, só alcança a conquista dos sentidos, depois que Deus toma posse gradual do nosso interior, e torna-se nosso purificador. Assim como Ele requer toda a nossa atenção enquanto continuamos com nossa amorosa atividade, agora Ele requer toda nossa fidelidade para deixá-lo operar, enquanto começa a se render Senhor através da sujeição da carne ao Espírito.

**14.** É preciso observar que toda nossa perfeição exterior depende e deve ser uma consequência da perfeição interior, isso é feito através desta saborosa passividade. Mas enquanto Deus opera no interior, parece negligenciar o exterior, daí o ressurgimento dos defeitos, embora tênues e em tempos de aridez, defeitos que julgávamos extintos.

**15.** O segundo grau consiste na destruição dos sentidos externos.

O terceiro grau consiste na destruição dos sentidos internos por meio de uma doce passividade. Mas como Deus está então trabalhando intensamente, parece negligenciar o exterior; os defeitos reaparecem, ainda que enfraquecidos e somente em tempos de aridez e que pensávamos estarem extintos.

**16.** Quanto mais nos aproximamos do término do terceiro grau, mais longa e mais freqüente é a nossa aridez, maior a nossa fraqueza.

Esta é uma purificação que serve para destruir nossos sentimentos interiores, na medida em que a atividade amorosa coloca um fim nos sentimentos exteriores; há, em cada grau, alterações de aridez e satisfação. A aridez serve como purificador das fraquezas e da esterilidade. Tão logo paramos, por incapacidade de praticar as mortificações à nossa maneira, aquelas da Providência tomam seu lugar: as cruzes que Deus dispensa segundo o nosso grau. Estas não são escolhidas pela alma; mas a alma, sob a orientação interior de Deus, recebe tantas quanto Ele indica.

## Capítulo IV

### O quarto grau: a fé nua

**17.** O quarto grau é o da fé nua; aqui não se encontra nada além da desolação exterior e interior; pois uma sempre segue a outra.

**18.** Todo grau tem seu começo, seu progresso e sua consumação.

**19.** Tudo o que foi até aqui conquistado e garantido com tanto trabalho, é agora gradualmente retirado.

**20.** Este grau é o mais longo e só termina com a morte total, caso a alma esteja disposta a ficar tão desolada a ponto de morrer totalmente para o EU. Pois, há um número infinito de almas que nunca passam dos primeiros graus; dentre aquelas que atingem o presente grau, poucas alcançam a obra perfeita.

**21.** Esta desolação ocorre em algumas almas com violência; embora sofram um maior desgaste que as outras, não tem motivos para reclamar, pois a própria severidade de sua aflição é uma espécie de consolo. Outras experimentam um leve e tênue desgosto por todas as coisas, que mais parece um descumprimento do dever ou uma dificuldade em obedecer.

**22.** Primeiro somos privados de nossas obras voluntárias, e nos tornamos incapazes de fazer o que fazíamos nos primeiros graus; enquanto isso cresce, começamos a sentir uma inabilidade geral com relação a todas as coisas, que cresce dia após dia. Esta fraqueza e inabilidade gradualmente tomam posse de nós e adentramos a uma condição em que poderíamos dizer: **“Realmente não consigo entender o que faço; pois não pratico o que quero, mas faço o que detesto”** (Rm 7,15).

**23.** Privados de todas as coisas, interiores e exteriores, que não são essenciais, o trabalho começa sobretudo no que é essencial; na proporção em que a vida virtuosa de se tornar um Cristão, à qual nos referimos com tanta complacência, desaparece, ficamos, de certa forma, destituídos de uma certa satisfação interior e de um apoio substancial. Como este suporte se torna mais fraco e sutil, mais perceptível se torna sua perda. Notem, porém, que não há perdas senão para nossa própria consciência, já que ela ainda existe na alma, mas de forma imperceptível e sem ação aparente. Se ela não estivesse oculta, a morte e a perda do EU não poderia ser alcançada. Mas ela se recolhe ali e se fecha de tal forma que a alma não percebe a sua presença.

**24.** Você se pergunta por que este caminho é perseguido? O único objetivo do caminho é fazer com que a alma passe da multiplicidade para a percepção do distinto, sem multiplicidade; da percepção do distinto ao distinto imperceptível, que é uma satisfação geral, menos atrativa que a outra. É vigorosa no princípio e introduz a alma ao perceptível, que é um prazer mais puro e menos especial do que o primeiro; do perceptível a alma é levada à fé sustentada e ao trabalho por amor; passando neste caminho do perceptível para o espiritual e do espiritual para a fé nua, que nos faz morrer para toda experiência espiritual, nos faz morrer para nós mesmos e passar para Deus; passamos então, daqui para diante, a viver unicamente para a vida de Deus.

**25.** Na economia da graça, portanto, começamos com coisas perceptíveis, continuamos com as espirituais, e terminamos conduzindo a alma gradualmente ao seu centro, unindo-a com Deus.

**26.** Quanto mais profundo este suporte imperceptível se recolhe, mais infunde a ele a alma, que não pode mais continuar a se multiplicar entre milhares de coisas que já não pode almejar e nem mesmo perceber; estando a alma cada vez mais despida, ela é gradualmente obrigada a abandonar a si mesma.

**27.** Ela é despida, sem misericórdia, igualmente e ao mesmo tempo, de todas as coisas de dentro e de fora; o pior de tudo: é exposta às tentações; quanto mais é entregue as tentações, mais fica desprovida de forças para resistir, pelo exterior; fica enfraquecida ainda mais no momento em que é submetida aos mais violentos ataques; por fim, o suporte interior é retirado, este que enquanto servia de refúgio e abrigo, era uma evidência da bondade de Deus, e de sua fidelidade a si mesma.

**28.** Vemos então um homem perseguido por um poderoso adversário; ele luta e se defende o quanto pode, sempre tentando aproximar-se cada vez mais de um porto seguro; quanto mais ele luta, mais fraco fica, enquanto que a força de seu oponente continua crescendo. O que deve fazer? Ele utilizará todas as artimanhas para alcançar o portal da segurança, pois lá encontrará auxílio abundante. Mas, ao se aproximar, descobre que longe de prestar-lhe qualquer auxílio, os cárceres obstruem cada fenda de refúgio; o homem se vê obrigado a cair nas mãos do inimigo poderoso, a quem reconhece como seu melhor e mais confiável amigo, quando, desesperado e sem ter como se defender, se entrega.

**29.** Tenha a certeza, que este grau compreende todas estas coisas; a privação de todo bem, o acúmulo de todo o tipo de fraqueza,

incapacidade de defesa, nenhum abrigo interior; Deus freqüentemente aparece colérico e para coroar tudo, numerosas tentações.

**30.** Espero, que tenha te ouvido dizer: “tenho a certeza de que minha vontade não está em harmonia com a malignidade da natureza e nem com as fraquezas do sentido”. Ah! Você seria tão feliz! Mas, isso não pode ser. Na proporção em que o homem se torna frágil e destituído de toda operação e atividade de amor, por mais insignificante que seja, a vontade, fundada naquele vigor do amor, torna-se fraca dia a dia e gradualmente desaparece; sumindo, fica certa de que não pertence a nada do que se passa ao homem, mas que está separada. Mas como não se manifesta em nada, por nenhum sinal, não fornece nenhum suporte seguro à alma; esta, não mais encontra a vontade numa atitude de resistência e acredita que esteja consentindo todas as coisas, e que tenha se unido à vontade animal, que é a única perceptível.

**31.** Eu já havia afirmado que na primeira luta da atividade amorosa, a natureza e os sentidos são extintos e subjugados. É verdade; mas o espírito do EU, pelas próprias vitórias que a graça lhe alcançou, tornou-se altamente disposto, mais tenaz ao que julga ser bom e ainda mais indomável. Deus, determinado a subjugar-lo, utiliza-se de uma aparente ressurreição desta natureza, que a alma pensa estar morta. Mas, observem que Ele não usa a natureza até que tenha extraído sua malignidade, destruindo-a e separando a vontade superior daquela violenta e criminosa. Ele extrai o veneno da víbora e o usa como antídoto para o espírito. Quem quer que se torne agraciado pela admirável economia da graça e pela sabedoria de Deus, trazendo o homem a um total sacrifício do EU, será preenchido pelo deleite, e por mais insensível que seja, irá exalar de amor. Os pequenos traços deste amor revelados ao meu coração, freqüentemente me levam ao êxtase e ao arrebatamento.

**32.** A fidelidade deste grau requer que sofremos espoliações por todos os desígnios de Deus, sem ansiedade, sacrificando à Ele todos os nossos interesses temporais e eternos. Nada deve ser um pretexto para o recolhimento ou retenção do mínimo átomo, pois a mínima reserva é a causa de perda irreparável, já que impede a nossa morte de ser completa. Devemos permitir que Deus trabalhe como desejar, e agüentar os ventos e tempestades que se abatem sobre nós a cada instante, submergindo sob as ondas tumultuosas.

**33.** Percebe-se aqui algo maravilhoso; longe de estarmos alienados por conta do sofrimento e do estado de naufrago, é justamente aqui que Deus aparece; se qualquer fraqueza se faz aparente, Ele nos dá um toque de sua imediata presença, como que para dar segurança à alma, por um momento, de que Ele esteve com ela nos momentos de tribulação. Digo, por um instante, pois Sua presença não tem mais utilidade subsequente, como um suporte, mas como um sinal que aponta e convida a alma a afastar-se ainda mais do EU.

**34.** Estes estados não são contínuos em sua violência; há remissões, onde se criam espaços para respirar e para tornar a trilha subsequente mais dolorosa. Pois, a natureza fará uso de qualquer coisa para sustentar sua vida, como um homem que se afoga se sustentaria na água segurando a lâmina de uma navalha, sem se importar com a dor que isso lhe causaria, se nada mais tivesse a que se agarrar.

## Capítulo V

### O quinto grau: A morte mística

**35.** Atacados de todos os lados, por tantos inimigos, sem vida e sem apoio, não temos nenhum recurso senão expirar nos braços do Amor. Quando a morte é completa, o pior dos estados não causa maiores problemas. Não reconhecemos a morte pelo fato

de ter passado por todos estes estados, mas por uma absoluta necessidade do poder de sentir a dor, de pensar sobre os nossos cuidados para com o EU e pela nossa indiferença de permanecer ali para sempre, sem manifestar o menor sinal de vitalidade. A vida é evidenciada por uma vontade de nossa repugnância por alguma coisa; mas aqui, nesta morte da alma, todas as coisas se assemelham. Ela permanece morta e insensível para tudo o que se refere à ela, e, se Deus reduzi-la à extremidade que deseja, não há mais repugnância. Ela não tem escolha em ser anjo ou demônio, pois não tem mais olhos para o EU. É neste momento que Deus coloca todos os seus inimigos sob seus pés e reina supremo, toma e possui a alma da forma mais completa, como se ela tivesse se abandonado da forma mais completa. Mas isso ocorre gradualmente.

**36.** Um traço de calor vivo ali permanece por um longo tempo, mesmo depois da morte, que só é dissipado gradualmente. Todos os estados atuam, de alguma forma, sobre a purificação da alma, mas aqui o processo é completo.

**37.** Não morremos espiritualmente, de uma vez por todas, como da forma natural; a morte espiritual é alcançada gradualmente; vibramos entre a vida e a morte; uma hora estamos na vida, outra na morte, até que a morte tenha conquistado a vida. O mesmo ocorre na ressurreição; um estado alternado de vida e morte, até que a vida supere a morte.

**38.** Não que a vida nova não venha de repente. Aquele que estava morto, se vê vivo, e nunca mais duvida de que estava morto e que vive novamente; mas isso não está estabelecido; trata-se mais de uma disposição para a vida, do que um estado de vida estabelecido.

**39.** A primeira vida da graça começou no sensível e mergulhou continuamente no inte-

rior, em direção ao centro, até ter reduzido a alma à unidade, fazendo com que expirasse nos braços do amor; pois todos experimentam esta morte, mas cada um à sua maneira. Mas a vida que é agora comunicada surge de dentro; trata-se de um germe vivo que sempre existiu ali, embora ignorado; ele é a prova de que a vida da graça nunca esteve totalmente ausente, embora tenha sido forçada a permanecer oculta.

Ela esteve ali, mesmo que no meio da morte; nem a morte deixou de ser menor por ter a vida oculta em si; assim como a lesma permanece morta no crisálido, mas contém um germe de vida que a desperta para a ressurreição. Esta vida nova brota no centro e dali cresce; ela se estende gradualmente sobre todas as faculdades e sentidos, impregnando-as com sua própria vida e fecundidade.

**40.** A alma, investida desta vitalidade, experimenta um infinito contentamento; não em si mesma, mas em Deus; o que ocorre especialmente quando a vida está bem avançada.

**41.** Mas, antes de penetrar os efeitos desta vida admirável, deixe-me dizer, que nem todos passam por esta morte dolorosa; experimentam apenas um desfalecimento e uma languidez mortal que os aniquila, fazendo com que morram para tudo.

**42.** Muitas pessoas espiritualizadas dão o nome de morte às purificações preliminares, que são, de fato, uma morte em relação à vida comunicada, mas não uma morte total. As purificações preliminares resultam na extinção de alguma vida da natureza ou da graça, mas é bem diferente de uma extinção geral de toda a vida.

**43.** A morte tem vários nomes, segundo nossas diferentes maneiras de expressão ou concepção. É chamada de partida, ou seja, separação do EU a fim de que possamos nos unir à Deus; perda, total e completa da vontade da criatura, o que faz com que a alma se

esvazie de si mesma para existir unicamente em Deus. Ora, como essa vontade está em tudo o que existe na criatura, por melhor e mais santo que seja, tudo deve ser necessariamente destruído, a fim de que unicamente a vontade de Deus permaneça.

Tudo o que nasce da vontade da carne e da vontade do homem, deve ser destruído. Somente a vontade de Deus deve permanecer, ela que se torna o princípio da nova vida e gradualmente vai animando a velha vontade extinta, torna-se o lugar do que foi destruído e transforma-o em fé.

**44.** Depois que a alma expira misticamente, geralmente ela é separada de tudo o que pode se tornar um obstáculo à sua perfeita união com Deus; mas ela não é, por isso, recebida em Deus. Isto lhe causa sofrimentos extremos. Você poderá argumentar aqui que, se está completamente morta, não sofre. Deixe-me explicar.

**45.** A alma morre assim que se separa do EU; mas esta morte mística não é completa, até que a alma passe por Deus. Até lá, ela sofre enormemente, mas seu sofrimento é geral e indistinto e ocorre unicamente porque ela ainda não está estabelecida em seu lugar próprio.

**46.** O sofrimento que precede a morte é causado pela nossa repugnância pelos meios que a produzem; esta repugnância sempre ocorre ou aumenta; mas na proporção em que morremos, nos tornamos mais e mais insensíveis e até mesmo calejados, até que finalmente a morte se realiza através de uma completa sensação de vida plena. Deus tem buscado nossa vida inexoravelmente em todas os lugares ocultos e secretos; pois ela é tão maliciosa que quando é duramente pressionada se fortifica em seu refúgio, e faz uso dos pretextos mais santos e razoáveis para existir; mas, sendo perseguida em seu último retiro, em poucas almas (Deus, quão poucas!) ela é obrigada a abandoná-los todos.

**47.** Nenhuma dor surge mais dos meios que causaram a nossa morte, que são exatamente o oposto daqueles que usamos para manter a nossa vida; quanto mais santos e razoáveis os meios que usamos para manter a nossa vida, em aparência, mais irracionais e violentos parecem ser os outros, que causam a morte.

**48.** A morte é a causa da separação da alma do EU, ou seja, da perda de toda e qualquer posse. Nós não sabemos o quão estamos fortemente ligados aos objetos até que são tirados de nós, e aquele que pensa não estar ligado a nada, freqüentemente está muito enganado, estando atado a milhares de coisas, desconhecidas de si mesmo. Após a morte, a alma está inteiramente livre do EU, mas não imediatamente recebida em Deus. Ainda existe algo, não sei bem o que, uma forma, um remanescente humano; mas isso também desaparece.

Uma mancha destruída por um sofrimento geral e indistinto, que não tem relação com os meios da morte, já que eles estão passados e completos; trata-se de um desconforto que surge do fato de ser retirada do EU, sem ser recebida em sua grande Origem. A alma perde todas as posses do EU, sem esta perda nunca poderia se unir à Deus; mas é apenas gradualmente que se torna plenamente possuída Dele, por meio da nova vida, que é totalmente divina.

## **Capítulo VI**

### **União com Deus, mas ainda não reconhecida**

**49.** Tão logo a alma tenha morrido no abraço do Senhor, a Ele se une em verdade e sem nenhum intermediário; pois ao perder tudo, até mesmo suas melhores posses, perde também os meios e seus intermediários; até mesmo estes grandes tesouros, não passam de intermediários. A partir deste mo-



mento, ela se une imediatamente à Deus, mas não percebe e nem desfruta desta união, até que Ele a anime e se torne seu princípio vivificante. Uma noiva que desfalece nos braços de seu marido, está intimamente ligada a ele, mas não desfruta das bênçãos desta união, e pode nem mesmo ter consciência dela; mas após tê-la contemplado por uns instantes, desfalecida pelo excesso de amor, chamando-a de volta à vida com suaves carícias, ela percebe que se encontra sob posse daquele a quem sua alma ama, e que é por ele possuída.

## **Parte II - Sobre a União com Deus**

### **Capítulo I**

#### **A Ressurreição**

**50.** A alma assim, possuída de Deus, descobre ser Ele um Senhor tão perfeito, que já não é capaz de fazer nada além do que Lhe agrade e como Lhe aprouver; este estado vai num crescente. Sua falta de poder não é dolorosa, mas prazerosa, porque está plena da Vontade Divina.

**51.** A alma morta está em união, mas não se beneficia de seus frutos até o momento de sua ressurreição, quando Deus, fazendo com que ela passe por Ele, Lhe concede tamanho penhor e segurança sobre a consumação de seu casamento divino, que a alma não mais duvida: pois esta união imediata é tão espiritual, tão refinada, tão divina, tão íntima, que se torna impossível para a alma exprimi-la ou duvidá-la. Este caminho não tem nada haver com a imaginação; estas almas não são imaginativas, não possuem nada no intelecto e estão perfeitamente protegidas de decepções e ilusões; tudo ocorre internamente.

**52.** Durante a passagem pelo caminho da fé não há nada distinto para a alma; a distinção se opõe à fé, e ela não poderiam desfrutar

nada deste tipo, possuindo apenas uma certa generalidade como fundação sobre a qual todas as coisas Lhe foram comunicadas. Ela se encontra no extremo oposto quando a vida começa a avançar em Deus; pois, embora não tenha nada distinto para si mesma, possui uma distinção para os outros; sua iluminação é para o uso de outros, ainda que nem sempre esta iluminação seja recebida por aqueles a quem se tem intenção, ela é mais certa quanto mais imediata, como se fosse natural.

**53.** Quando Deus levanta uma alma, por assim dizer, Ele a recebe em Si mesmo e o germe vivo, que é a própria Vida e Espírito do Verbo, começa a aparecer; este ato se constitui na revelação de Jesus Cristo na alma, (Gl. I,16), Ele que vive em nós pela perda da vida de Adão que resiste no EU.

**54.** A alma é, desta forma, recebida em Deus; ali é gradualmente transformada Nele, como o alimento é transformado naquele que o consumiu. Tudo isso ocorre sem qualquer perda da existência individual, como já foi explicado.

**55.** Quando a transformação tem início é chamada de aniquilação, já que modificando nossa forma, nos aniquilamos com relação a nós mesmos, a fim de tomar a forma Dele. Esta operação vai num constante durante a vida, transformando a alma cada vez mais em Deus, e conferindo sobre ela uma participação contínua e crescente nas qualidades divinas, tornando-as imutáveis, imóveis, etc. Ele a torna fecunda, mas nunca fora de Si mesmo.

**56.** Esta fecundidade se estende a certas pessoas a quem Deus se concede e se funde à alma, comunicando-lhe Seu Amor, pleno de Caridade. Pois o amor nas almas divinas, daqueles que se submetem, torna-se infinitamente mais forte do que o amor dos pais por seus filhos, enquanto se distancia dos sentimentos naturais; este amor não é zeloso e precipitado como parece, pois aquele que

o exhibe, segue apenas o movimento nele impresso.

**57.** Para tornar isso inteligível, precisamos saber que Deus não priva os sentidos e as faculdades de vida, tornando-os como que mortos; pois, embora deva haver vida no centro da alma elas permaneceriam mortas se esta vida não lhes fosse comunicada. Ela aumenta por graus, anima todos os poderes e sentidos que, até então, encontravam-se estéreis e improdutivos, aumentando-os na proporção à sua comunicação, tornando-os ativos; esta atividade, porém, é derivada e regulada por Deus, segundo Seus propósitos. Pessoas moribundas ou mortas, não devem condenar a atividade destas almas, pois elas nunca seriam colocadas no movimento divino se não tivessem passado pela mais maravilhosa morte. Durante todo o período de fé, a alma permanece sem movimento; mas, depois que Deus infunde nela a atividade divina, sua esfera se estende vastamente; mas, por maior que seja, não pode executar qualquer movimento auto-organizado.

## Capítulo II

### A Vida em Deus

**58.** Não há mais nada a ser dito aqui sobre graus; a glória é tudo o que resta; todos os meios foram deixados para trás e o futuro consiste no desfrutar de um infinito curso de vida, de forma cada vez mais abundante. (Jô 10,10). Na medida em que Deus transforma a alma em Si mesmo, Sua vida lhe é comunicada plenamente. O amor de Deus pelas criaturas é incompreensível; Sua assiduidade, inexplicável; Ele busca algumas almas sem interrupção, protegendo-as e sentando-Se à sua porta; Ele se deleita em estar com elas e de carregá-las com as marcas de seu amor. Ele imprime em seus corações o amor puro, casto e suave. São Paulo e São João o Evangelista sentiram enormemente este sentimento. Mas para ser como descrevi, tal senti-

mento deve ser concedido à alma no estado de graça, do qual já falei, caso contrário, não passa de emoções naturais.

**59.** A oração do estado de fé é um silêncio absoluto de todos os poderes da alma, e um cessar de todo trabalho, por mais delicado, especialmente quando se está atingindo o término deste estado. A alma, não percebendo mais nenhuma oração e não mais fixando certos períodos para isso, já que todo tipo de exercício foi eliminado, é conduzida a pensar que perdeu absolutamente todo tipo de devoção. Mas quando a vida retorna, traz consigo a oração acompanhada por uma facilidade maravilhosa; Enquanto Deus toma posse dos sentidos e das faculdades, a devoção da alma torna-se doce, gentil e unicamente espiritual, mas sempre voltada para Deus. A devoção anterior a fez mergulhar em si mesma, a fim de desfrutar de Deus, mas a devoção atual, a atrai para fora do EU, para que se perca mais e mais e se transforme em Deus.

**60.** Esta diferença é marcante e só pode ser alcançada pela experiência. A alma é silenciosa no estado de morte, mas sua quietude é estéril e alcançada através de uma divagação frenética, que não deixa nenhuma marca de silêncio a não ser a impossibilidade de se reportar à Deus, nem com os lábios, nem com o coração. Depois da ressurreição, no entanto, seu silêncio é fecundo e acompanhado por uma união extremamente pura e refinada, deliciosamente difundida sobre os sentidos, mas com tal pureza que não causa qualquer paralisação e nem contrai qualquer mácula.

**61.** Torna-se impossível para a alma agora, tomar aquilo que não tem ou se desfazer do que já tem. Ela recebe com um desejo passivo qualquer impressão que se faça sobre ela. Seu estado, embora opressivo, seria livre de sofrimento se Deus, que a movimento em direção á algumas coisas livres, desse à ela a correspondência necessária. Mas como seu estado não suportaria, se faz necessário que

aquilo que Deus deseja que tenha, seja comunicado através do sofrimento da a alma.

**62.** Não aceitar estes meios e desejar unicamente a Deus seria errado. Ele está ansioso para que a alma morra para certos suportes interiores do EU, que fazem com que afirmemos “querer unicamente à Deus”; rejeitar estes meios é se retirar da ordem de Deus, paralisando o progresso. Mas, sendo tomados apenas como meios, embora fecundos na graça e na virtude, ainda que secretos e ocultos, eles finalmente desaparecem quando a alma se encontra unida, com os meios, em Deus, e Ele se comunica diretamente com ela. Então, Deus retira os meios, não imprimindo mais qualquer movimento na direção da pessoa a quem estão ligados; porque eles podem então servir como uma parada, e sua utilidade, pelo menos, reconhecida. A alma não pode mais ter o que tinha, e permanece em sua primeira morte com relação à eles, embora ainda intimamente unidos.

**63.** Neste estado de ressurreição vem aquele silêncio inefável, através do qual não só subsistimos em Deus, mas comungamos com Ele, e o qual, na alma morta para seu próprio trabalho e auto-apropriação geral e fundamental, torna-se um fluxo e refluxo da comunhão divina; nada pode macular sua pureza pois, não há nada que a obstrua.

**64.** A alma torna-se então parte da inefável comunhão da trindade, onde o Pai dos espíritos semeia sua fecundidade espiritual, tornando-a um espírito com Ele mesmo. É aqui que ela comunga com outras almas, se elas forem suficientemente puras para receberem esta comunicação em silêncio, de acordo com seu estado e grau; aqui é que os segredos inefáveis são revelados, não por uma iluminação momentânea, mas no próprio Deus, onde estão todos ocultos; a alma não os possui para si mesma e nem os ignora.

**65.** Embora eu tenha afirmado que a alma não tenha então nada de distinto, nada é dis-

tinto em relação à ela, mas sim em relação aqueles com quem comunga; pois o que ela diz é dito naturalmente e sem atenção, mas soa extraordinário aos ouvintes, que não encontrando a coisa em si mesmos, muito embora possa estar ali, consideram como algo distinto e maravilhoso, ou talvez fanático. Almas que ainda habitam em meio aos dons, possuem iluminações distintas e momentâneas, mas estas da qual falamos, possuem uma iluminação geral, que é o próprio Deus, sem suportes definidos. Dali extraem o que necessitam e o que é distinto para aqueles com quem conversam; nada permanece com a alma depois.

### Capítulo III

#### A Transformação

**66.** Mil coisas podem ser ditas sobre a vida interior e celestial das almas, assim repletas de vida em Deus. Ele as nutre com muito carinho e as reveste externamente com o abatimento, porque Ele é um Deus ciumento. Mas seria necessário um volume inteiro, e eu preciso apenas responder a sua questão: Deus é a vida e a alma desta alma, que assim vive em Deus ininterruptamente, como um peixe no mar, numa felicidade inexplicável, embora carregada com os sofrimentos que Deus coloca sobre si para outros.

**67.** Tornou-se tão simples, especialmente quando a transformação é para o próprio avanço, que a alma caminhe desta maneira perpetuamente sem nenhum pensamento para si ou para outros. Ela só tem um objetivo: fazer a vontade de Deus. Mas como se relaciona com muitas criaturas que não conseguem se ater a este estado, muitas lhe causam sofrimento por tentar convencê-las a cuidar-se, ter precauções, e tudo mais, o que ela não pode fazer; e outros, pela falta de correspondência com a Vontade de Deus.

**68.** As cruces destas almas são as mais severas; Deus as mantém sob as mais odiosas hu-

milhões e sob um exterior bastante comum e frágil, embora sejam elas o seu deleite. Então, o próprio Jesus Cristo se comunica em todos os seus estados; a alma é revestida tanto com suas inclinações como sofrimentos. Ela compreende o que o homem Lhe custou, o que a sua falta de fé o fez sofrer, o que é a redenção de Jesus Cristo e como Ele nasceu na qualidade de seu filho.

**69.** A transformação é reconhecida pela falta de distinção entre Deus e a alma, não sendo mais possível separá-la de Deus; tudo é igual a Deus, pois a alma passou pela sua Fonte Original, está reunida com o seu TUDO e se transformou em Nele. Para mim basta escrever as linhas gerais sobre o que se deseja saber; a experiência te ensinará o resto; tendo Lhe mostrado o que devo ser para ti, podes julgar o que sou em Nosso Senhor.

**70.** Na medida em que a transformação é perfeita, a alma encontra uma qualidade mais extensa em si. Todas as coisas são expandidas e dilatadas; Deus a torna parte de sua infinidade; deste modo, ela sempre se sente imensa e toda a terra não Lhe parece mais do que um ponto em comparação com esta maravilhosa amplitude e extensão. Tudo o que esteja na ordem e na vontade de Deus, a expande; tudo o mais, a contrai; esta contração a impede de avançar.

Como a vontade é o meio de efetivar a transformação, e o centro nada mais do que todas as faculdades unidas na vontade, quanto mais a alma se transforma, mais muda a sua vontade e passa para aquela de Deus e mais Ele deseja a alma. A alma age e opera em sua divina vontade, que é assim substituída pela sua própria, tão naturalmente que não se pode dizer quando a vontade da alma se torna a vontade de Deus e nem quando a vontade de Deus se torna a vontade da alma.

**71.** Deus freqüentemente exige estranhos sacrifícios de almas assim transformadas em Nele; mas isso não custa nada a elas, pois

sacrificariam tudo por Ele, sem repugnância. Os menores sacrifícios custam mais e os maiores custam menos, pois não são pedidos até que a alma esteja num estado de concedê-los sem dificuldades, ao que ela tem uma tendência natural. Isto é o que é dito de Jesus Cristo quando veio ao mundo: “e então eu disse: Eis que eu venho. No rolo do livro foi-me prescrito realizar tua vontade; meu Deus, eu quero ter a tua lei dentro das minhas entranhas”: (Salmo 40 7,8). Tão logo o Cristo chegue em uma alma para se tornar seu princípio vivo, diz a mesma coisa dela; Ele torna-se o Sacerdote eterno que preenche incessantemente a alma de seu ofício sacerdotal. Isto é, de fato, sublime, e continua até que a vítima seja levada à glória.

**72.** Deus destina estas almas a assistência de outras nos caminhos mais complicados; pois, não tendo mais ansiedade com relação a si mesma, nem nada a perder, Deus pode usá-las para trazer outras para o caminho de sua vontade pura, nua e segura. Aquelas que ainda são auto-suficientes, não poderiam ser usadas para este fim; pois, ainda não penetraram um estado em que seguem a vontade de Deus; cegadas por si mesmas, confundem-se com o próprio raciocínio e falsa sabedoria; não tem a menor condição de se abster ou de não serem guiadas cegamente pelos outros.

Quando falo de abstenção, me refiro àquela que Deus deseja no momento presente; pois, Ele não nos permite apontar para alguém tudo o que está oculto ou o que há de acontecer, exceto em termos gerais, pois não há como suportar. Embora muitas vezes dizemos coisas duras, como Jesus disse aos habitantes de Cafarnaum (antiga cidade da Palestina; por extensão aqueles que acreditam na transubstanciação, ver João (6,24)), Ele concede uma força secreta para que suportemos; ao menos, Ele assim procede com as almas escolhidas somente para Si, esta é a pedra de toque.

## Manual de Tradições Judaicas

1.- Sete dias antes do dia da Expição, o Sumo Sacerdote era levado de sua casa para a Assembléia dos Conselheiros, e outro sacerdote estava pronto para tomar seu lugar, caso ele se tonasse inelegível. Rabbi Judah diz: Também uma outra esposa era dada a ele, caso a primeira esposa falecesse, pois está escrito: “Ele deve fazer expiação por si e por sua casa”(Lev. 16:6), sua casa significa sua esposa. Eles lhe disseram: Se assim for o assunto não terá fim.

2.- Durante os sete dias eles não negavam a ele comida e bebida; mas na véspera do Dia da Expição, em torno do crepúsculo eles não lhe permitiam que comesse muito, pois a comida traz sono.

3.- No dia da Expição, comer, beber, lavar, aplicação de óleos sagrados, uso de sandálias, relações sexuais; são proibidos. Um rei ou uma noiva podem lavar as faces, e uma mulher depois do parto pode usar sandálias. Assim é, segundo Rabbi Eliezer; mas os Sábios o proibem.

4.- As crianças não são obrigadas a jejuar no Dia da Expição, mas devem ser treinadas a fazê-lo um ou dois anos antes de atingirem a idade adequada, (treze anos para o menino, doze para a menina para que assim estejam preparados para cumprir os mandamentos.

5.- Se uma mulher grávida procura por comida e tem necessidade dela, a ela podem ser dados alimentos até que ela se recupere. Ao homem doente pode-se dar comida pelas mãos de pessoas hábeis; se não houver nenhuma pessoa hábil, ele pode receber alimento conforme seu desejo, até que diga “Basta!”.

6.- Se uma fome voraz toma conta de um homem, ele pode receber até coisas impuras para comer, até que seus olhos tornem a brilhar. Se um cachorro raivoso o morde, a ele

não deve ser dado seu fígado para comer; mas Rabbi Mattithiah bem Heresh o permite. Além disso, Rabbi Mattithiah bem Heresh diz: Se um homem tem dor em sua garganta, pode-se colocar remédio em sua boca no Shabát, se houver dúvida quanto à segurança de sua vida, e quando houver qualquer perigo de vida, este perigo sobrepuja o Shabát.

### **Brit Mila - Circuncisão**

A **brit milá** (pacto da circuncisão) é uma cerimônia que consiste no corte do prepúcio. É praticada no 8º dia do nascimento (adiando-se somente por razões médicas. Ou em certas circunstâncias graves não é realizado), mesmo quando é Shabat, lom Tov, ou Yom Kipur. No caso de ter sido adiado não pode ser realizado num dia festivo.

O ato lembra o pacto entre Deus e Abraham: “Este é o meu pacto que ireis manter entre eu e vocês e entre tua semente depois de ti: que seja circuncidado cada varão entre vocês... e aos 8 dias será circuncidado (Gênesis 17:10-12). Tinha Abraham 99 anos quando fez sua brit milá. **Ismael**, seu filho, tinha 13 anos e Itzhak 8 dias.

**Cerimônia:** se faz de manhã cedo, rememorando o pacto feito com Abraham em seu desejo de cumprir prontamente com o preceito Divino. O menino é entregue por uma mulher ao KWATER (padrinho) que por sua vez o entrega ao Mohel (aquele que faz a circuncisão). O menino é recebido com a frase: BARUCH HABA (bendito seja aquele que vem). Os sefaradim cantam um PIYUT (hino) no qual se abençoa aqueles que mantêm o pacto. O mohel coloca o menino por um instante, na cadeira de Eliahu e logo o passa aos joelhos do SANDAK que o segurará durante a operação. Finda esta o pai bendiz que seu filho tenha entrado no **brit de Abraham**. A congregação o cumprimenta desejando-lhe

que o filho cresça para poder estudar a Torá, para vê-lo debaixo da **Chupá** (pálio nupcial) e para a realização de **guemilut chazadin** (boas obras).

O menino no braço do seu pai ou de uma outra pessoa é abençoado ao entrar no pacto entre Deus e Israel. A seguir se recita uma oração para o bem estar do pequeno e se coloca um nome em hebraico. Do copo de vinho, com o qual se realizou a benção, põe-se algumas gotas do mesmo na boca do menino. A cerimônia conclui com um **seudat mitzva** (banquete festivo-religioso). Fazer a circuncisão sem toda esta liturgia seria uma milá porém não brit-milá.

**As meninas** - Shabat após o nascimento, o pai sobe a Torá onde se reza uma oração colocando o nome de sua filha e se deseja também que cresça para a Torá, a chupá e guemilut chasadim.

### Sinagoga

A Sinagoga é um lugar de reunião onde se efetuam os ofícios religiosos judaicos. Seu nome em hebraico é BET HAKENESET (casa de reunião) sendo também BET HATEFILÁ, casa de oração, BET HAMIDRASH casa de estudo e às vezes também BET DIN, tribunal rabínico.

A Sinagoga não deve ser confundida com o Bet Hamikdash, o templo de Jerusalém onde se realizava o culto sacrificial e que foi destruído duas vezes (586 a E.C. e 70 d E.C.) e nunca mais foi reconstruído. Somente permanece hoje uma parede do lado ocidental KOTEL HAMAARAVI e seu lugar é em parte ocupado pela Mesquita de Omar. A Sinagoga parece ter sua origem no 1º exílio na Babilônia, 586 a D.C. Porém antes da destruição do 2º Templo existiam Sinagogas tanto em Israel como na Galut (Diáspora).

A arquitetura e o ritual Sinagoga dependem do lugar onde os judeus viviam. Existem pelo menos 3 ramificações fundamentais, se bem que entre elas podemos encontrar subdivisões. As Sinagogas **Askenazi**, congregam judeus da Europa Central e Oriental; os **Sefaradi** - os judeus que saíram da Espanha e Portugal, o Norte da África, Holanda, Bulgária, Palestina, Grécia, Turquia, etc. Os orientais correspondem aos judeus do Iemen e outros países africanos e da Índia. Teríamos também que relacionar os **falashas** (judeus negros) e os **caraitas** (uma seita judaica dissidente do movimento rabínico). A partir do século XIX o judaísmo se subdividiu em correntes religiosas que interpretavam de forma diferente a Tradição e conseqüentemente o serviço na Sinagoga.

1-) **Sinagogas Reformistas:** introduziram o órgão e o coro; homens, e mulheres sentados juntos, o serviço no idioma do país com algumas passagens em hebraico, os homens em geral com a cabeça descoberta; importância fundamental ao sermão. Observância de um só dia de Iom Tov (festividade) e serviços reduzidos. As mulheres passam a ler a Torá.

2-) **Sinagogas Ortodoxas:** Não permitem o órgão nem coro misto. Homens e mulheres separados (MECHITZA) por meio de alguma coisa. O serviço inteiro hebraico. Homens e mulheres casados com a cabeça coberta.

3-) **Sinagogas Conservadoras:** A respeito do órgão, coro e atitude frente aos sexos depende da Sinagoga. O serviço é em hebraico e no idioma do país. Em algumas, as mulheres lêem a Torá e formam parte do minian (10 pessoas).

**Funcionários:** O líder espiritual e intérprete da Tradição na Sinagoga é o **Rabino**, porém o oficiante pode ser qualquer pessoa maior de 13 anos (Bar Mitsvá) desde que conheça o serviço. Em geral este é realizado

pelo **chazan** (cantor) ou por um **Shaliach Tzibur** (enviado da comunidade). A pessoa encarregada de ler a Torá se chama **Baal Koré**. Para poder realizar um serviço público é necessário reunir 10 homens maiores de 13 anos, se bem que hoje em dia existam diferenças a este respeito entre as Sinagogas reformistas e conservadoras.

#### Elementos:

**BIMA** - plataforma onde se lê a Torá ou se reza.

**ARON HOCODESCH** - Arca Sagrada; onde se guarda os rolos da Torá.

**PAROCHET**: cortina que cobre o **Aron Hacodesh**

**NER TAMID**: Lâmpada que arde permanentemente na Sinagoga.

Os livros da Torá (Sefer Torá e no plural Sifrei Torá) são os rolos de pergaminho que contém os 5 livros de moshé (chumash). Estão recobertos por uma coroa **Keter** e o **Baal Koré** vai acompanhando a leitura com uma vareta em forma de mão (yad).



### Leitura da Torah (Kriat Hatorah)

Através de um ciclo de um ano que começa e termina em Simchat Torá (Em Israel em Shemini Atzéret) cada sábado pela manhã se lê uma **parashá**. No total há 54 parashiot num ano, (algumas se juntam). Antigamente e hoje entre algumas congregações conservadoras cumpre-se um ciclo de três anos.

Cada pessoa chamada para ler a Torá (Aliá, pl. Aliot) deve recitar uma bênção antes e outra ao finalizar a leitura.

A Torá se lê nos seguintes dias: 2<sup>as</sup>; 5<sup>as</sup>; sábados e dias de festa.

3 Aliot às 2<sup>as</sup>; 5<sup>as</sup>; Chanuca, Purim, jejuns, sábados à tarde.

4 Aliot em Rosh Chodesh e Chol Hamoed.

5 Aliot Iom Tov

6 Aliot Yom Kipur

7 Aliot no Shabat

Os primeiros a serem chamados são os Cohanim (sacerdotes descendentes de Aarão, o irmão de Moshé, sing. Cohen), logo a seguir os Levim (levitas, sing. Levy, descendentes da tribo de Moshé) e por último Israel.

**HOTZAT HATORA**: O momento em que se retira a Torá.

**HAGBAA**: Honra de levantar a Torá.

**GUELILIA**: Ato de envolver a Torá.

### Talit, Tefilim e Mezuzá

**Talit** - É um manto ritual de 4 pontas nas quais se colocam tzitzit (tzitziot) para lembrar as mitzvot (preceitos). Sua cor é branca com listras azuis ou pretas. Pode ser de seda ou de lã. O tzitzit é também branco e do mesmo material que o talit. De acordo com a Torá deveria ser de cor techelet (azul) porém como não se sabe exatamente como consegui-lo faz-se em branco. Em cada ponta se coloca um tzitzit de 4 fios dobrados em redor de um e formando nós.

O talit pode ser **gadol** (grande) que se utiliza para os serviços religiosos da manhã e da tarde somente em Iom Kipur desde a véspera. E em Tisha beav que se coloca o talit à tarde e não de manhã. O Talit **Katan** (pequeno) é usado debaixo da camisa. Usa-se de manhã pelo fato de constar na Torá “quando os e de lá os rabinos concluíram que devia usar-se de dia.

O talit katan se coloca ao levantar-se e logo se diz a seguinte brachá (benção):

BARUCH ATA ADONAI ELOHEINU MELECH HAOLAM ASHER KIDESHANU BEMITZVOTAV VETZIVANU AL MITZVAT TZITZIT.

Bendito tu, oh Deus, Poder do Universo, que nos santificastes com teus preceitos e nos ordenastes o relativo ao tzitzit.

O talit gadol primeiramente se coloca na cabeça, e se recita a brachá e em seguida coloca-se sobre os ombros:

BARUCH ATA ADONAI ELOHEINU MELECH HAOLAM ASHER KIDESHANU BEMITZVOTAV VETZIVANU LEHITATEF BATZITZIT.

Bendito tu, oh Deus, Poder do Universo, que nos santificastes com teus preceitos e nos ordenaste envolver-nos com os tzitzit.

**Tefilin:** são duas caixinhas de couro preto com correias. Uma é para a cabeça (shel rosh) e tem duas correias. A segunda é para o braço (shel yad) e tem uma correia.

O braço tem dentro um pergaminho com os 4 parágrafos da Torá referentes aos tefilin:

*Êxodo 13,1-10*

*Êxodo 13,11-16*

*Deuteronômio 6,4-9*

*Deuteronômio 11,13-21*

O da cabeça os tem divididos as 4 partes com pergaminhos diferentes. Além do mais leva a letra shin na parte externa.

Põe-se em primeiro lugar o talit e logo a seguir os tefilin.

Estes são usados diariamente no serviço religioso da manhã (salvo em Tishá Beav que é a tarde) dos dias comuns, porém não os usamos no Shabat nem em Iom Tov.

Primeiramente se coloca o do braço esquerdo acima do cotovelo em direção do coração, amarra e se recita a brachá. Em seguida dá-se 7 (sete) voltas em torno do braço e o amarramos na palma da mão.

A seguir coloca-se o da cabeça, entre os olhos, porém a partir do local onde o cabelo começa a crescer e se recita a brachá. Na parte de trás deve ajustar-se onde nasce a nuca e as duas correias devem ser colocadas para frente.

Desata-se o da palma da mão e ata-se três vezes no dedo do meio (uma vez na articulação do meio e duas vezes abaixo) e logo é formada a letra Shin na parte de cima da mão.

Os tefilin são usados enquanto se reza. Para tirá-los, retira-se em primeiro lugar o da palma da mão e do dedo, em segundo lugar o da cabeça e por último o braço.

### **Fontes Bíblicas de Talit e Tefilin**

Números 15:37; Deuteronômio 22:12; 6:4-9; 11:13-21 e Êxodo 13:1-16. Nós colocamos o talit para recordar que devemos levar uma vida santificada e cumprir com as mitzvot e tefilin para recordar-nos de nosso estudo da Torá e cumpri-la com a cabeça (intelectualmente) com o coração (para onde estão dirigidos) porém com ação (o braço e



não somente a palavra).

Ao usar estes símbolos participamos de uma experiência comum a todos os judeus, sem distinção de roupas ou status, e nos lembramos as idéias de santidade escritas neles ao rezarmos.

### Benção para tefilin:

Do braço: **Baruch .... Vetzivanu lehani-ach Tefilin**

Bendito ... que nos ordenastes colocarmos tefilin.

Da cabeça: **Baruch .... vetzivanu al mitzva Tefilin**

Bendito ... que nos ordenastes o preceito de tefilin.

**MEZUZÁ** - é um pergaminho que contém os dois primeiros parágrafos do Shemá (Deuteronômio 6:4-9 e 11:13-21) onde se fala sobre a mitzvá de colocar a mezuzá nas portas das casas. Coloca-se num pequeno estojo que tem uma pequena escritura na qual se distingue a palavra Shaday (Deus Todo Poderoso) que está escrito no reverso do rolo.



Coloca-se a Mezuzá em **cada porta** da casa (com exceção do banheiro) na terça parte superior do marco da porta. Coloca-mo-la inclinada de tal maneira que a parte superior da mezuzá fique para dentro e a inferior para fora. (internamente o rolo deve permanecer com a palavra Shemá para dentro).

Se não está a mezuzá no marco de forma in-

clinada devemos colocá-la na perpendicular. Ao fixá-la devemos dizer a seguinte benção:

**BARUCH ATA ADONAI ELOHEINU MELECH HAOLAM ASHER KIDESHANU BEMITZVOTAV VETZIVANU LIKBOA MEZUZA.** (Bendito .... que nos ordenastes fixar a Mezuzá).

O fato de ter a mezuzá em casa não significa um amuleto para a sorte nem tem algo que ver com superstições, apenas indica que todas nossas posses materiais as devemos a Deus e lembrar a santificação que deve existir em nosso lar ao entrar e ao sair.

## Os Jejuns

Se fazem em recordação a acontecimentos tristes ou como uma preparação espiritual. Neles nos abtemos completamente da comida e bebida.

Existem cinco jejuns decretados para comemorar feitos tristes (atos) que sucederam no TaNaCh:

**ASARA BETEVET** (10 do mês de Tevet) - comemora o sítio de Jerusalém por Nabucodonosor em 586 a. E.C.

**SHIVA ASAR BETAMUZ** (17 de Tamuz). No 1º Templo lembra, a primeira brecha que se fez na muralha e no 2º Templo a interrupção do serviço sacerdotal (70 d.E.C.). Começam então as três semanas de luto que culminam em Tisha Beav.

**TISHA BEAV** (9 de Av) - recorda no mesmo dia a destruição dos dois Templos (586 a. E. C. e 70 d. E. C.)

**TZOM GUEDALIA** (3 de Tischri) - recorda o assassinato de Guedalia, último governador judeu imposto por Nabucodonosor e com ele desaparece o restante da autonomia judaica em Israel.

**TAANIT PURIM** (13 de Adar) em lembrança ao jejum que fez a rainha Ester para salvar os judeus da Pérsia.

O jejum de Iom Kipur é o único obrigatório pela Torá. Este e o de Tisha Beav duram um dia inteiro, da tarde e um dia ao anoitecer do outro. Os outros jejuns tem menor duração, começam com o nascer do sol até o entardecer.

Existem além destes outros jejuns públicos e privados. Na véspera de Pessach jejuam os primogênitos. Os noivos no dia de seu casamento até a hora da cerimônia (salvo em Rosh Hodesh), no aniversário da morte dos pais, etc.

### **Período de Luto**

O período que se estende entre o dia 17 de Tamuz e 9 de Av se chama “As 3 semanas de luto”, Durante este período não se celebram casamentos, nem manifestações coletivas de alegria, nem se corta o cabelo.

Nos últimos nove dias costuma-se privar-se de carne e vinho (com exceção do Shabat). Tudo isto em memória dos dolorosos dias que levaram a destruição de Jerusalém e a todos os tristes episódios da história judaica.

### **Tisha Beav**

É o dia mais doloroso do calendário judaico. Na Sinagoga tira-se o parochet, o manto que cobre a Bima e praticamente não há luzes. Todos se sentam no chão ou em cadeiras baixas, em sinal de luto. Entoa-se Echa (as lamentações de Jeremias) e Kinot (poesias dolorosas pela destruição e pelo Exílio) Não se colocam nem o Talit nem os tefilin pela manhã senão somente à tarde (pois são como enfeites).

### **Chanuca**

Comemora-se no dia 25 de Kislev e dura 8 dias. Recorda a rebelião dos macabeus contra os helenistas (157 a. E. C.) sob o coman-

do de Matatias, asmoneu e seus filhos, especialmente lechuda, chamado macabeu. Foi a primeira luta na história da humanidade pelo direito de um povo de defender seus valores e sua convicção religiosa contra a assimilação do povo judeu.

A revolta teve início em Modiin, sob a inspiração dos primeiros chassidim e transformou-se logo num movimento militar que se estendeu por todo o país até a recuperação de Jerusalém e do Templo profano pelos helenistas. Os macabeus ao triunfar, assumiram o governo e governaram como dinastia asmonea até a época de Herodes (início da Era Cristã).

De acordo com a tradição em Chanuca, que significa inauguração (do Templo) depois de expulsar o helenistas, operou-se um milagre: deviam acender a menorá (candelabro de 7 braços) depois de purificar o Templo (que havia sido dedicado a idolatria pelos sírios helenistas) porém não havia azeite para um único dia, entretanto iluminou durante 8 dias. A este milagre, símbolo da luta contra a assimilação e a opressão, os rabinos o fizeram recordar por meio a Chanukiá que é um candelabro de 8 braços, mais um suplementar o SHAMASH, com o qual se acendem os outros.

No 1º dia acendemos uma luz (vela), no 2º dia duas e assim sucessivamente até completar as 8 velas. Porém no 2º dia acende-se primeiro a 2ª vela e a seguir a 1ª, e assim sucessivamente cada dia se acende em primeiro lugar a vela do dia correspondente e logo se volta até a 1ª.

Ao acender recita-se brachá correspondente e também “al hanisim” (pelos milagres). Acrescentando-se a estas 2 orações sheecheianu na 1ª noite (ver o Sidur).

Enquanto se acende diz-se “Chanerot Hala-lu” (“Estas velas”... que expressa o sentido de acender as velas em Chanuca)

Na véspera do Shabat acende-se primeiramente a Chanukiá e logo a seguir as velas de Shabat.

A Chanukiá é colocada no parapeito da janela para tornar público o milagre. Durante o tempo em que as velas estão acesas não se deve aproveitar de sua luz nem realizar tarefas.

Deve-se dedicar este tempo para brincar com o dreidel ou sevivon (espécie de pião) ou outros jogos.

Em Chanucá cantemos Maoz Tzur que expressa as épocas de perseguição dos judeus e sua sublevação por parte de Deus.

TU BISHVAT - É uma festa menor que se comemora no dia 15 do mês de Shevat (as letras TU=15) e está inteiramente associada à natureza e à agricultura.

É a festa da árvore e hoje em dia está em plena vigência com o renascimento do deserto em Israel. Em lembrança a este fato em cada casa coloca-se na mesa frutos típicos de Eretz Israel.

PURIM - Celebra-se no dia 14 de Adar. O dia anterior é de jejum:



## Tanit Ester

Lembra os eventos da comunidade judia na Pérsia na época do rei Assuero, que escolheira como esposa Ester, sem saber que ela era judia.

Ela se mantém fiel ao judaísmo graças a direção espiritual de seu tio Mordechai, o qual além de tudo gozava das boas graças do rei, pois o havia salvo de uma conspiração.

Entretanto existe um inimigo declarado no palácio, não só de Mordechai senão de todos os judeus, chamado Haman, símbolo dos anti-semitas de todos os tempos e que planeja a destruição da comunidade judaica (com os mesmos argumentos de sempre) e fixou este dia, o dia 13 de Adar, chamado PURIM (de Pur= sorte) porque se tirou na sorte o dia em que os judeus seriam mortos.

Graças a intervenção da rainha Ester e de Mordechai, o rei anula o decreto de Haman e o manda à **forca**, a ele e a seus filhos.

A história de Purim é relatado no livro de Ester.

Na Sinagoga é lida de um rolo de pergaminho, donde vem o nome MEGUILA. É o único livro do Tanach em que não aparece o nome de Deus.

O rito mais importante na Sinagoga é a leitura da Meguilá.

É costume sapatear ou girar reco-recos cada vez que se menciona o nome do perverso HAMAN.

A seguir vem uma Seuda festiva (festa religiosa) precedida por Shalach Manot, presentes de Purim, sobretudo aos pobres.

Nas festas de Purim há representações, fantasias e a eleição da rainha Ester.

## Sucot

A festividade de Sucot é um dos SHALOSH REGALIM (3 festas de peregrinação) junto com PESSACH E SHAVUOT.

É uma festa agrícola e histórica que lembra a colheita (chag Haasif) e o tempo em que nossos antepassados viviam em sucot (cabanas no deserto).

Os dois primeiros dias são de festa e também os dois últimos (que levam nomes especiais. Em Israel são festa apenas o 1º dia e Shemini Atzeret e Simchat Torá caem no mesmo dia (isto é no 8º dia).

O restante é Hol Hamoed ou semi-festa, sendo o 7º dia hol hamoed: hoshaná rabá.

Nos dias de Sucot existem 3 simbolismos importantes:

1) ARBA MINIM: o ramalhete das 4 espécies com as quais se faz uma procissão diariamente até hoshaná rabá, dando uma volta em redor da Bima, cantando HOSHANOT (salvamos oh Deus).

As 4 espécies são: **Lulav** (palmeira), **Hadas** (mirto) e **Arava** (salgueiro). Os 3 juntos são levados na mão esquerda e na direita leva-se o **Etrog** (cidra).

No dia de Hoshaná Rabá dá-se 7 voltas ao redor da Bima. Todas estas espécies estão relacionadas com o sentido agrícola do Chag (festividade).

2) Oferenda da Água: Era uma cerimônia no Templo que precedia a época das chuvas e este elemento vital era implorado a Deus pelos camponeses. Em **Shemini Atzeret** pede-se pela vinda das chuvas e se recorda os mortos.

3) Suca (cabana) - Lembra a travessia do de-

serto e a fragilidade dos bens materiais. É uma mitsvá construir uma Sucá e comer nela até o 8º dia. A sucá deve ser de palha ou folhagem que possibilite ver-se o céu, deve ter pelo menos 3 paredes, não deve estar pregado o teto às paredes e a Sucá deve ser erguida ao ar livre, isto é, não deve ter um telhado acima dela.

A Sucá é enfeitada e iluminada porém na sua simplicidade obriga ricos e pobres a viverem modestamente como nossos antepassados.

HOSHANÁ RABÁ - é o último dia de **Chol Hamoed**, dá-se 7 voltas com os Arba Minim e se rezam os **Hoshanot** (Salva nos oh Deus), leva o nome de Grande Hoshaná porque neste dia culminam as orações de pedido de salvação.

KOHELET - A festa de Sucot é **ZEMAN SIMCHATENU**, o Tempo de nossa alegria sendo a festividade de maior regozijo dos lamim Tovim, entretanto os rabinos quiseram mostrar que a vida tem também momentos tristes e dolorosos por este motivo nos obrigam a ler nesta festividade o livro mais pessimista do Tanach, a meguilá (rolo) de Kohelet para quem: "Vaidade das vaidades, tudo é vaidade e não há nada de novo abaixo do sol".

Se bem que todo o contexto do livro seja nesse tom, o capítulo final revela novamente o pensamento judeu; Temer a Deus e guardar seus mandamentos, porque isto é o dever de todo o homem

SIMCHAT TORÁ - A alegria da Torá. Neste dia termina e começa o ciclo anual da leitura da Torá. Tiram-se todos os rolos da Torá em procissão (HAKAFOT) e se dança na Sinagoga com eles. O 1º a terminar a leitura se chama HATAN TORA (o noivo da Tora) e o 1º a ler o primeiro livro se chama CHATAN BERESHIT (o noivo de Bereshit). Mesmo os meninos menores de 13 anos são chamados a Torá debaixo do pálio de um Talit.

## ***Iamim Noraim (Dias Austeros)***

O estudo dos iamim Noraim compreende os seguintes aspectos:

O mês de Elul como período preparatório anterior aos iamim Noraim.

Rosh Hashaná: Ano Novo (1 e 2 do mês de Tishri).

Aseret Iemei teshuvá: os 10 dias de Penitência entre Rosh Hashaná e Iom Kipur. O Shabat intermediário tem o nome de Shabat Shuvá (o sábado do retorno (arrependimento)).

Iom Kipur (Dia do Perdão) - 10 de Tishri.

O mês de Elul.

Antecede o mês de Tishri, no qual se comemora os iamim Noraim. É um período preparatório para o arrependimento e para a reflexão acerca da conduta de cada um com relação a Deus, ao próximo, a si mesmo e ao mundo.

Durante estes 30 dias mais os 10 de Tishri até Kipur formam um total de 40 dias que recordam os 40 dias que Moshé passou no Sinai em busca das segundas Tábuas (de acordo com a tradição era o dia 1º de Elul) e de lá desceu no dia 10 de Tishri tendo obtido o perdão de Deus pelo bezerro de ouro.

Durante todo este mês se toca o **shofar** nos serviços matutinos com exceção da véspera de Rosh Hashaná. Interrompe-se neste dia o toque para fazer a distinção entre o toque optativo de Elul e o obrigatório durante os dias de Rosh Hashaná (que não é tocado se cai no Shabat).

No rito sefaradi a partir do dia 1º de Elul e no ashkenazi desde o domingo anterior a Rosh Hashaná recitam-se as Selichot (orações de pedidos de perdão) que se estenderam até Iom Kipur. Diariamente se faz (realiza) este serviço de Selichot pela madrugada e no 1º dia costuma-se fazê-lo no sába-

do a meia noite.

**SHOFAR:** Instrumento musical feito de couro de carneiro com um som rouco e estridente. Símbolo de despertar da consciência do homem perdido em seus erros. Recorda o carneiro que substituiu Itzchak no sacrifício. Na antigüidade tocava-se o shofar nos serviços do Templo, para convocar para as guerras, a promulgação da Tora, o ano do Jubileu (Iovel, cadda 50 anos). E pela Tradição também anunciará a chegada do Messias.

Hoje tocamos o Shofar no mês de Elul (com exceção do último dia em Rosh Hashaná (com exceção do Shabat), ao terminar Iom Kipur, e entre os judeus portugueses até Hoshaná Rabá (ver Sucot).

## ***Rosh Hashaná***

Os dois dias de Rosh Hashaná, o 1º e 2º do mês de Tishri iniciam os 10 dias de arrependimento e retorno. A idéia fundamental é que neste dia se criou o mundo físico (**HAYOM HARAT OLAM**), e o homem é sócio de Deus para ajudá-lo a recriar e melhorar este mundo. E assim nesse dia nos foi encomendada uma vida criadora ou se pelo contrário o mundo de Deus é destruído. Por isso Rosh Hashaná como Ano Novo tem que ver com a temática do que fazer do homem no Mundo.

Recebe vários nomes:

**Iom Hadin** - O dia do Juízo, em que somos julgados pelas nossas ações.

**Iom Hazikaron:** Em que somos lembrados e são lembradas as nossas faltas. Como assim também foram lembradas as mulheres estérteis na Bíblia, de acordo com as leituras da Torá e da Haftará: Sara e Hana (a mãe do profeta Shmuel) e também Hagar, no deserto.

**Iom Teruá:** O dia do Toque (do Shofar)

que nos chama ao arrependimento.

As orações dos lamim Noraim estão compiladas no **MACHZOR** (Que é o livro de orações para as festas). Além das orações estabelecidas intercalam-se muitos piytim (sing. Piyut, hinos religiosos medievais). Os homens casados e os oficiantes usam aventais (semelhantes às togas) brancos chamados **KITEL**, como símbolo de pureza e também recorda os TACHRICHIM (mortalhas) nas quais são envoltos para o juízo na ressurreição (Techiat Hameitim).

Rosh Hashaná é a única festa que se comemora durante dois dias tanto na Diáspora como em Israel (as outras festividades são comemoradas somente durante um dia em Israel) e o Talmude chama a isto yoma arichta (um dia longo).

No serviço de **Mussaf** (ver Sidur), o serviço agregado de Shabat e festividade volta-se a tocar o shofar que se fez depois da leitura da Torá e recorda 3 bênçãos básicas do pensamento judaico.

*Malchuiot - Reinado de Deus em seu Mundo.*

*Zichronot - Lembrança para a recompensa e para o castigo.*

*Shofarot - Lembrança da Divina Revelação no Sinai.*

Um dos momentos culminantes da liturgia ashkenazi, é a recitação do piyut a teologia dos lamim Noraim. O autor Rabi Amnón de Maguncia, que foi mutilado por não ter querido converter-se ao cristianismo, recitou este poema antes de morrer na Sinagoga na Idade Média. Nele o poema se refere a sorte humana no ano entrante, quem viverá e quem morrerá e como serão julgados, porém de acordo com a Tradição judaica o livre arbítrio do homem pode romper o severo decreto, se recorrer à Tefilá (a oração) a Teshuvá (o arrependimento) e a Tzedacá (a Justiça).

A 1ª Tefilá nos faz refletir acerca de nossa

finalidade e da necessidade de pedir pela capacidade para melhorar nossa conduta e nosso “que fazer” no mundo.

Teshuvá: significa retorno, arrependimento porém também resposta. Não é somente um arrependimento interno mas sim devemos expressá-lo aquele a quem fizemos algum dano, e **responder** às expectativas que se tem de nós e dar respostas com nossas ações para assumir com responsabilidade nossas tarefas no Mundo que se relaciona com a última instância que é a Tzedacá: a justiça social. Como podemos ver as três estão inter-relacionadas e tem relação com a maneira de estruturar nossa existência em relação a Deus (Tefilá) com nós mesmos e o próximo (Teshuvá) com o Mundo (Tzedacá) e cada uma tem também relação com as outras duas.

Costumes - É costume em Rosh Hashaná comer chalá (ver Shabat), o pão da festividade e shabat, em forma redonda, símbolo do ano como um círculo sem início e nem fim. Também comemos maçã ou a chalá com mel símbolo de um ano doce.

Tashlich - É uma cerimônia que se realiza no 1º dia de Rosh Hashaná no período da tarde (ou no 2º dia se o 1º cair num Shabat) frente a uma fonte de água ou rio (preferivelmente com preces) e lá se agita pão ou se sacode todos os bolsos enquanto se recita as orações e pedido de perdão. Simboliza livrar-se de todos os pecados e erros cometidos de acordo com o profeta Micha.

C. ASERET IEMEI TESHUVA - Os 10 dias de Penitência e retorno. Nestes 10 dias entre Rosh Hashaná e Iom Kipur continua-se com as Selichot e não se realizam nestes dias casamentos ou festas. O Shabat intermediário se chama Shabat Shuvá, o sábado do retorno ou do arrependimento.

D. IOM KIPUR (10 de Tishri)

É o dia do Perdão e a culminação dos 10 dias

de Penitência e retorno. É um dia de jejum absoluto, desde a véspera até a noite do dia seguinte, com as proibições do Shabat e outras próprias do jejum. É chamado Shabat shabaton (sábado dos sábados) e o povo judeu a consagrou como sua festividade mais importante.

#### Prescrições:

Dia de jejum absoluto (exceto para os doentes). Não se realizam trabalhos, não se viaja, não se acende fogo, estão proibidas as relações sexuais e não se usam sapatos de couro. No entanto não é dia de luto.

Estrutura - Serviço de Kol Nidrei, a véspera.  
Serviço da Manhã - Shacharit e Mussaf.  
Serviço da Tarde - Minchá.  
Serviço de Clausura - Neilá e Havdalá (ver Shabat).

A idéia é que o indivíduo deve comparecer ao serviço de Kol Nidrei em prévia reconciliação com seu próximo a fim de ser absolvido de seus erros. O serviço da véspera é de grande solenidade, os homens com o Kitel vestido e o talit, tiram-se os rolos da Torá e se canta a oração de Kol Nidrei em que se anulam os votos que se formulam em desespero a Deus. Esta oração teve sua importância desde a época dos Marranos (séc. XV) e nela os judeus arrependidos voltavam a sua religião quando se tinham convertido a uma outra. Desde essa época remonta a comovente melodia.

### Outras orações

Al Chet e Ashamnu que são a recitação coletiva dos erros cometidos por todo Israel e que se repete várias vezes.

Avinu Malkeinu, Pai Nosso, Rei Nosso, pedidos de perdão e evocação A Avodá, é o relato do serviço no Templo de Jerusalém.

O piyut, Unetane Tokef e outros também

são recitados.

As leituras da Torá fazem referência ao sacrifício de um cordeiro para Deus e outro para Azazel que continha todos os pecados.

Pela tarde se lêem as uniões matrimoniais permitidas e proibidas, em lembrança da pureza da família.

A Haftará (leitura dos profetas) pertence ao profeta Isaías que recorda que o jejum grato a Deus não é somente um ato ritual senão que deve ser acompanhado de Teshuvá autêntica e de tzedacá.

Pela tarde se lê haftará o livro do profeta Jonas onde se desenrola a idéia de Teshuvá. O serviço termina com Neilá (a Clausura) onde se repete o Shemá Israel, 3 vezes a proclamação de Seu Reino e 7 vezes O Eterno é nosso Deus. Encerra-se o ofício com o toque do Shofar em lembrança do ano do Jubileu (Jovel, 50 anos) em que se tornavam livres os servos e as terras voltavam aos seus donos originais, afim de que não haja ninguém sem posses.

A seguir se faz a Havdalá (separação entre o sagrado e o profano).

Se cai Iom Kipur num Shabat se faz a Havdalá com vinho (símbolo de uma semana abundante) e besamim (especiarias) pela alma agregada do Shabat e uma vela trançada pelo trabalho criador da nova semana.

Se não cai no Shabat omite-se a benção de besamim. De regresso ao lar faz-se um banquete festivo. E já se começa a colocar o primeiro pau (estaca) da Sucá (ver Sucot).

### Shabat

Fundamento das festividades judaicas. É o símbolo da santificação do tempo outorgando sentido a tarefa realizada 6 dias antes.

O homem repete em sua vida, isto é em sua tarefa criadora da semana, o que o Criador do Universo realizou: 6 dias de Criação e o 7º dedicado ao descanso, a reflexão e contemplação da obra criada.

O Shabat está em conexão com os 6 dias de trabalho, um não se entende sem o outro. Em cada Shabat o homem interrompe a “modificação” que opera na natureza, (donde vem as tarefas proibidas no Shabat) afim de lograr a harmonia e a paz entre ele e a natureza, entre ele e os animais, entre ele e outros semelhantes e também consigo mesmo.

Ao valorizar o Shabat o homem se valoriza a si mesmo, ao encontrar que existe um dia não dedicado ao trabalho como os outros 6, senão a si mesmo e a Deus. O homem deixa de ser escravo do trabalho e é dono de si mesmo. Por isso o Shabat se faz em lembrança da libertação do Egito.

Proibições: As proibições do Shabat não estão baseadas na idéia de se requerem esforço ou não, mas sim se são modificações da natureza.

Os rabinos deduziram das tarefas da construção do santuário (MISHKAN) 39 tarefas proibidas no sábado já que deviam interpretar o que significava de acordo com a Torá “nenhuma obra farás”.

Assim estão proibidas as tarefas agrícolas, cozinhar, costurar, cortar, confeccionar roupa, desenhar, escrever, rasgar, atar, desatar, caçar, construir, matar, mudar objetos, etc.

Derivados seriam vender, comprar, viajar. A Torá proíbe rigorosamente acender fogo e ou apagá-lo. A respeito da eletricidade alguns rabinos conservadores optaram em não considerá-la equivalente ao fogo.

A comida é preparada antes que comece o sábado, isto quer dizer, deve estar pronta na sexta-feira antes do pôr do sol.

Pode-se deixar um fogo aceso (que não deve ser modificado, aumentado ou apagado) sobre o qual se coloca uma prancha de amianto ou de outro material e sobre ela se coloca a comida que se quer aquecer. (comida feita antes do sábado, obviamente).

O Shabat começa meia hora antes do pôr do sol, na sexta-feira e termina meia hora depois que o sol se põe no sábado. (Ex. se o sol se põe às 19:30 hs., o Shabat começa sexta-feira às 19:00 hs, e terminará no sábado às 20:00 hs.)

Depois de terminar o trabalho na cozinha, prepara-se uma mesa festiva e a mulher meia hora antes da hora do pôr do sol acenderá as velas (HADALACAT NEROT). Em primeiro lugar acenderá as 2 velas e a seguir dirá a bênção (porque se fizer ao contrário já estaria no Shabat e não poderia acender o fogo).

É costume que a mulher tenha a cabeça coberta. Depois de tudo isto a família vai a Sinagoga. Com este ato da mulher teve início o Shabat. Ao voltar, o pai abençoa os filhos varões com a seguinte fórmula “Deus te faça como Efraim e Menashé” e a seguir a bênção sacerdotal “Deus os bendiga e os conserve, os ilumine e lhes de Graça, os olhe com Misericórdia e lhes conceda a paz”.

As filhas: “Deus te faça como Sara, Rivka Raquel e Léa”, e logo a seguir a bênção sacerdotal. Em ambos os casos coloca suas duas mãos sobre a cabeça de seus filhos.

Na mesa, além dos candelabros, acesos antes do Shabat, coloca-se um copo de KIDUSH (para o vinho) e 2 pães trançados (chalot, sing. chalá) que recordam a dupla porção de maná que os israelitas recebiam às sextas-feiras no deserto. Os pães estão cobertos já que primeiramente se fará a bênção sobre o vinho.

A família canta “Shalom Aleichem”(A paz esteja convosco) para receber simbolicamente



aos anjos visitantes durante o Shabat.

A seguir o esposo homenageia sua mulher com um capítulo do livro Provérbios 31:10-31 e somente agora se faz o KIDUSH.

KIDUSH - Bênção do Shabat (ou das festividades) sobre o copo de vinho. No Shabat se faz o Kidush duas vezes, uma no jantar de sexta-feira à noite e outra na refeição depois do serviço matutino. A bênção recorda o ato da Criação e do Shabat e a libertação do Egito e conclui com a santificação do sábado.

Quando não há vinho, pode-se fazer o Kidush sobre as chalot. Depois o baal habait (dono da casa) abençoa o Pão (HAMOTZI) com as mãos previamente lavadas (netilat yadaim) e o reparte entre cada um dos comensais “regado” com sal, porque a comida é uma lembrança do sacrifício do Templo e este se entregava com sal. Ao terminar a comida canta-se canções sabáticas (zemirot) e se começa com o bircat hamazón (benção de graças após as refeições).

O Shabat é um dia de prazer, alegria e gozo (satisfação). Estão proibidos no Shabat os jejuns e o luto. É obrigatório realizar 3 refeições (SEUDOT), duas delas com KIDUSH, a de sexta-feira à noite e a do sábado de manhã. Antes de terminar o Shabat despedimos dele com uma terceira SEUDAT SHE-LISHIT (3ª. Refeição) chamada MELAVE MALKÁ (Despedida da rainha Shabat).

A idéia do ONEG SHABAT é fundamental e leva o regozijo e a satisfação no sábado. O judaísmo não considera os prazeres como pecaminosos nem o espiritual divorciado do corpo, senão que une as duas entidades corpo e alma dedicados a satisfação da existência que Deus nos dá e que nós devemos realisar.

Vem daí que o ONEG SHABAT consiste em um dia dedicado a família, a leitura, a meditação, ao passeio, a brincadeira, ao canto. O gozo sexual é encarado no Shabat como uma

parte do prazer do mesmo dia, da unificação do corpo e espírito e como algo bom porque é obra de Deus.

### **Bar Mitsvá**

Cerimônia que realiza um varão no sábado seguinte ao completar 13 anos de idade de acordo com o calendário hebraico (ver luach) ao ser chamado à Torah. O principal significado da cerimônia é que a partir desse momento ele é responsável pelo cumprimento das mitzvot (preceitos) liberando seu pai de tal responsabilidade. A palavra bar significa filho e mitzvá - preceito. A partir desse momento é considerado adulto e pode ser contado para a formação de um minyan (10 pessoas que são necessárias para officiar um serviço religioso público).

O jovem recebe um período de instrução prévia sobre judaísmo e as bênçãos que recitará. Na segunda ou quinta feira antes da cerimônia (ou no domingo posterior) coloca seus tefilim e talit. No sábado é chamado à Torah e recita as bênçãos antes e depois da leitura. Ele pode ler algum trecho da Torah ou a parte final (maftir) isto se ele for ler a haftará. Durante o serviço o rabino fará um sermão alusivo ao significado deste evento em sua vida. Espera-se do bar mitsvá que expresse publicamente seus desejos de lealdade ao povo judeu e a seus valores como civilização religiosa.

Como toda alegria o bar mitsvá deve terminar com uma seudá (banquete festivo agradecendo a Deus que nos permitiu viver este momento).

### **Bat Mitsvá (A filha do preceito).**

Cerimônia realizada nas Sinagogas conservadoras e reformistas (e hoje também em algumas ortodoxas) quando uma menina chega aos 12 anos e é considerada adulta e responsável frente aos deveres e lealdade para com o povo judeu.

É uma cerimônia relativamente nova (apareceu no séc. XIX) como uma parte de luta das mulheres para adquirir igualmente de direitos. Não tem um dia determinado, pode ser no Shabat, domingo ou numa festa (em geral em Shavuot e Chanuca) e existem diversas formas de realizá-la.

Seu conteúdo depende do rabino e da Sinagoga, porém em geral não são individuais como o bar mitsvá mas tendem a ser coletivas. A idéia fundamental consiste em dar a mulher a importância que ela tem na vida judaica e no conhecimento do judaísmo, já que é dela que dependerão os valores que imperarão na casa e na educação religiosa dos filhos.

No judaísmo tradicional subentendia-se que a mulher tinha 3 obrigações básicas:

**HADLAKAT NEROT:** acender as velas do Shabat e das festas.

**MIKVA:** banho após a menstruação quando a mulher deverá ir a mikvá para fazer sua tevilá (imersão) e somente então ter relações sexuais com o seu esposo.

**SEPARAR A CHALÁ:** deve-se cortar um pedaço e queimá-lo. Simbolizaria que uma parte da chalá fora dada aos cohanim (sacerdotes no Templo) em ato caritativo.

### **O Matrimônio**

O matrimônio é uma mitsvá dentro do judaísmo. Seu fundamento encontra-se na própria origem da Torah em dois versículos fundamentais:

Não é bom que o homem esteja só, farei uma ajuda idônea para ele (Gênesis 2.18) e conclui - “portanto o homem abandonará a casa de seu pai e de sua mãe e se unirá a uma mulher e formará com ela uma só carne”. O judaísmo não acredita na separação do corpo e da alma, também não crê que o corporal seja mais baixo ou pecaminoso, mas que o corpo e a alma estão inter-relacionados na

peessoa. E o corpo é bom porque é um produto de Deus e com a alma cumpre-se o versículo - “A imagem de Deus os criou”. Portanto tanto o sexo como a atividade sexual não são vistas como algo ruim nem pecaminoso mas sim como um prazer legítimo outorgado por Deus cuja fonte de realização deve dar-se na santificação do matrimônio que em hebraico tem o seguinte nome - KIDUSHIN - santificação. Quando um casamento se realiza para o judaísmo isto não é um sacramento mas sim um contrato de santificar suas vidas em que no dia a dia o par deve recriar as bênçãos proferidas e os votos pronunciados sob a chupa (palio nupcial símbolo do futuro lar).

Se na vida matrimonial o par não santifica suas vidas pelo respeito mútuo este matrimônio violou a idéia da KIDUSHIN e portanto continuar vivendo juntos é uma violação do pacto e um ato de chilul hashem (profanação do nome de Deus) e neste caso o judaísmo prefere optar pelo divórcio. (guet).

A culminação do ato criador e do mútuo amor no matrimônio se dá através do cumprimento da mitsvá de pru urvu (crescei e multiplicai-vos - Ge 9.7) com a chegada de filhos a este mundo. Para a Tradição cumpre-se esta mitzvá tendo-se no mínimo um filho e uma filha. O celibato nunca foi visto com bons olhos no judaísmo e quem não se casou é considerado como uma pessoa incompleta.

### **Poligamia e Monogamia**

Se bem que no Tanach a poligamia não seja proibida e em alguns casos praticada, os judeus foram monógamos e esta foi a prática comum na era talmúdica. No séc. XI Rabenu Gershon de Maguncia proibiu por uma takama (decreto rabinico) a poligamia e o divórcio sem o consentimento da mulher. Esta takama não teve efeito entre os judeus do Oriente, porém hoje em dia em Israel entrou em vigor também para eles.

## Uniões proibidas

A Torah estabelece no Levítico 18. 7-17 e 20 11-21 as relações consangüíneas proibidas, o que aparece também em qualquer legislação civil atual, com exceção das uniões entre primos que é aceita pela Torah e que em certas legislações civis estão proibidas também.

## Levirato

Chama-se assim o casamento que a Torah estabeleceu afim de proteger as viúvas. Quando uma mulher enviuvava sem ter filhos **deve** casar-se. (Ela fica automaticamente unida ao seu cunhado, e isto dá-se o nome de IBUM).

Se ele não quiser casar-se pode dissolver a união por meio da cerimônia de Chalitzá. Ela permanece livre para casar-se com quem quiser. Hoje é comum realizar-se a Chalitzá (ver o livro de Ruth).

## Matrimônios mistos

Denomina-se desta forma os casamentos entre pessoas de credos diferentes, sendo uma delas judia e este tipo de união é proibida no judaísmo. Se a parte não judia se converte a cerimônia do casamento é entre dois judeus e portanto neste caso não se pode falar em casamento misto.

## A Cerimônia Religiosa

É costume que os noivos jejuem e recitem as orações de lom Kipur no dia de seu casamento (exceto se o casamento for celebrado ao terminar o Shabat ou em Rosh Chodesh (exceto no mês de Nissan) até o momento de entrar na Chupá. Entre os mui ortodoxos é costume que o noivo entre usando um Kitel (ver lom Kipur) ou como símbolo de que este dia é comparado a lom Kipur já que são

perdoados todos os pecados dos noivos ao iniciarem uma nova vida ou pelo fato de ser uma peça de vestir festiva e portanto usada no dia do casamento. A noiva deve ir previamente a mikvá (banho ritual). A cerimônia é realizada debaixo da chupá (pálio nupcial) que é o símbolo do novo lar. Quatro pessoas podem estender um talit e os noivos colocam-se debaixo dele juntamente com o oficiante da cerimônia, para todos os efeitos isto também é uma chupá. A noiva deve ficar à direita do noivo e ambos de frente ao rabino. Os rabinos basearam esta idéia no salmo 45.10 que é um cântico real "... a tua direita está a rainha com ouro de Ofir".

O noivo espera a noiva debaixo da chupá. É tradição que a noiva use um véu sobretudo cobrindo-lhe o rosto antes da cerimônia. Quando o noivo ergue o véu deve dizer - : Tu nossa irmã, seja a mãe de milhares de milhares"(Gen. 24.60) e que o Senhor te faça como Sara, Rebeca, Raquel e Léa".

A cerimônia se divide em duas partes - Eru-sin e Nesuin, cada uma delas precedida por um copo de vinho, e ambas precedidas por uma bênção para os noivos que vêm em nome de Deus.

ERUSIN (cerimônia do compromisso) No casamento judaico o compromisso é parte da cerimônia se bem que na antigüidade estivessem divididos. Os rabinos uniram as duas partes já que pensavam que o compromisso era algo tão sério que rompê-lo era como realizar um divórcio. A bênção se faz sobre o vinho e especifica que Deus santificou o povo judeu de acordo com os preceitos que fixam as uniões proibidas e permitidas, obrigando-nos a fazê-lo debaixo da chupá e mediante os sagrados ritos do matrimônio.

Em seguida os noivos bebem do mesmo cálice simbolizando que deverão compartilhar todos os dias de suas vidas. Então o noivo coloca uma aliança (lisa e sem pedras no dedo indicador da mão direita da noiva dizendo - *harei at mekudeshet li betabaat zo kedat*

*Moshe veisrael.* Aqui você me é santificada por este anel de acordo com a lei de Moshe e de Israel. Ao aceita-lo o casamento é consagrado.

Nas cerimônias reformistas e conservadoras, também a noiva põe um anel no noivo com diversos dizeres, porém o que realmente se quer destacar, mais do que o ato de “aquisição” da mulher por parte do homem (de acordo com a tradição) é o fato de ser um pacto de amor entre ambas as partes.

Logo a seguir o oficiante ou o rabino lê a Ketuba que é o contrato matrimonial e pelo qual o noivo se compromete a manter, amar e respeitar sua esposa. É um documento para a mulher.

É costume que o rabino pronuncie um sermão durante a cerimônia.

b) bênçãos dos esponsais. São sete, conhecidas como SHEVA BRACHOT. Abençoa-se por meio de um copo de vinho e as bênçãos se referem a que Deus criou o Mundo e o homem à sua imagem e semelhança e lhe outorgou uma companheira. Refere-se logo a categoria do regozijo, do prazer e da alegria projetando-se tanto para o passado arquetípico (modelo, exemplo, padrão) do primeiro e a sal no Éden como em relação ao futuro messiânico dos noivos em Israel.

Nas últimas bênçãos abençoa-se primeiro os noivos separadamente (simbolizando que são e devem permanecer duas personalidades diferentes e definidas). E a seguir os dois juntos com o símbolo de união e do companheirismo.

Ambos bebem novamente do mesmo copo.

O casamento termina com a bênção do rabino e então o noivo quebra um copo com o pé em lembrança de que apesar de não existir maior alegria que a do noivo (Chatan) e da noiva (kala) o Templo de Jerusalém ainda está destruída e portanto não há uma alegria

completa para o povo judeu.

Em continuidade realiza-se uma cerimônia chamada ICHUD, na qual os noivos permanecem fechados durante alguns minutos numa sala e ali comem alguma coisa. A idéia do ICHUD seria a da coabitação ou consumação do matrimônio.

Costuma-se comemorar um casamento com uma Seudá.

### **Doença e Morte**

Entre as mitzvot mais importantes está a que se refere a visita aos doentes. Por outro lado existe no judaísmo um princípio básico oposto a eutanásia, que diz que se deve fazer todo o possível para manter a vida de uma pessoa. Em outra perspectiva é condenado também o suicídio, já que o homem não pode por capricho ou por decisão própria decidir sobre a vida e a morte, seja por meio da eutanásia ou por meio do suicídio.

Quando alguém está gravemente doente deve recitar a oração vidui, que é a confissão dos erros cometidos em vida e concluir com o Shema Israel. Se a pessoa estiver incapacitada de fazê-lo alguma outra pessoa pode fazer isto por ele.

Ao falecer fecha-se os olhos, cobre-se o cadáver e se diz o BARUCH DAIAN HAEMET (Bendito seja o JUIZ da Verdade) pelo qual aceitamos o princípio de que a Deus corresponde a decisão acerca da vida e da morte.

### **Funeral**

As pessoas que devem observar os **rituais do luto** são as seguintes:

O pai, mãe, o filho, a filha, o irmão, a irmã e o cônjuge.

Qualquer um destes enlutados recebe o no-

me de ONEN durante o período anterior ao enterro e está isento do cumprimento dos preceitos litúrgicos (como rezar, colocar tefilim, etc.) afim de que possa providenciar os arranjos necessários para o funeral, porém lhe é proibido tomar vinho ou comer carne enquanto dure seu estado de onem (salvo no shabat).

Depois do enterro o enlutado se denomina AVEL (pl. avelim) e as leis então são mais rígidas (ver Shiva).

No judaísmo é proibida a autópsia a menos que ela seja requerida por uma autoridade civil. Também é proibida a cremação já que o corpo deve retornar “ao pó de onde foi tomado”.

Até a hora do enterro o cadáver deve permanecer coberto e não deve ser deixado sozinho. Na sua cabeceira deve-se acender uma vela ou uma luz em lembrança a “a alma é a luz do Senhor” (Prov. 20.21). Costuma-se cobrir os espelhos e objetos de enfeite para que nenhum símbolo de luxo ou de futilidade do homem apareça nestes momentos. Não se costuma colocar flores para os mortos já que estas simbolizam a vida.

### **Enterro**

Os rituais do enterro não são observados para uma criança com menos de 30 dias.

Uma criança com menos de 13 anos não é obrigada a observar estes rituais.

No 2º e no 8º dia de Pessach, no 2º dia de Sucot e em Simchat Torá podem realizar-se enterros, sendo estes proibidos no Shabat ou nos dias de Iom Tov que não foram mencionados (Pessach 1º e 7º dias, Shavuot 1º dia, Rosh Hashaná 1º dia, Iom Kipur, Sucot 1º dia, e Shemini Atzeret).

É uma mitzvá acompanhar os restos de uma pessoa a sua última morada. Ali se praticará a

Tahará (banho ritual aos mortos) e a seguir se colocam a Tachrichim (mortalha) e para os homens coloca-se também um talit, do qual se tirou um tzitzit (para não enterrar com uma prenda de uma pessoa viva). Todos são enterrados igualmente, ricos e pobres com a mesma mortalha.

As mulheres sem talit porém com uma capa branca. A mortalha une a todos igualmente na morte e recorda que os mortos serão levados para o juízo na época da ressurreição dos mortos quando chegue o messias.

Depois da Tahará coloca-se o morto novamente no caixão e procede-se ao ritual de se rasgar um pedaço da roupa como símbolo de luto que praticavam os semitas (rasga-se do lado esquerdo para os pais e no direito para o restante dos parentes enlutados).

A seguir cantam-se salmos, a oração El Malé Rachamin, em lembrança da alma do ser querido, que morreu e se diz o Kadish. O Kadish é uma oração em Aramaico que não fala da morte mas é um louvor a Deus e o pedido de que chegue pronto o seu Reino.

O Kadish reflete a idéia de que aceitamos o desígnio divino e que a vida continua mais além de qualquer dor e lágrimas.

A seguir o rabino ou o oficiante fazem um pequeno sermão (salvo nos dias em que é proibido louvar as pessoas falecidas).

Dalí é levado para ser enterrado. Durante o caminho, durante 7 vezes interrompe-se a caminhada, em lembrança das 7 vezes que a palavra “futilidade” aparece no Kohelet.

Depois do enterro os enlutados recitam o Kadish e a seguir o resto dos presentes formam uma fila dupla pela qual passarão os enlutados, enquanto se lhes diz: Que Deus lhe de consolo como aos enlutados por Sion e Jerusalém.

## O Luto

O período de luto se divide em 3 partes: Shivá - 1ª semana; Shloshim: o mês; O ano.

Shivá: Ao voltar para casa os amigos ou vizinhos devem ter preparado uma refeição que tem o nome de SEUDAT HAVRAA. É costume que nesta refeição se sirva um ovo duro símbolo de uma nova vida e esperança para o futuro e que a vida apesar de tudo deve prosseguir.

Durante estes 7 dias é proibido trabalhar, usar sapatos de couro (símbolo de luxo), senta-se em cadeiras baixas, não devem sair de casa, não se barbeiam.

Os espelhos permanecem cobertos e se acende uma vela pelos 7 dias.

Se não há quem faça a comida pode fazê-la o enlutado. O mesmo se o prejuízo econômico for muito grande, depois de 3 dias já pode voltar ao trabalho. As relações sexuais estão proibidas durante a Shivá. Os enlutados não devem cumprimentar aos que chegam e deve-se manter o decoro de uma casa enlutada.

No sábado interrompe-se toda manifestação de dor e os enlutados se dirigem à Sinagoga, porém não devem entrar até que se conclua o Kabalat Shabat (Recebimento do sábado) ao finalizar o lecha dodi, então o rabino recebe na porta da Sinagoga com a seguinte frase: Deus os console como aos enlutados por Sion e Jerusalém e a seguir dirigem-se aos seus lugares e começa o serviço pelo sábado mesmo, quando não há manifestação de luto.

Durante a shivá é proibido assistir festas, casamentos, etc.

b) Sheloshim: São os 30 dias de luto. Não há tantas proibições como durante a Shivá e as proibições se reduzem a não cortar o cabelo, nem a frequentar lugares de diversão. Não se vai ao cemitério.

c) O ano: ao cumprir um ano descobre-se a lápide sobre o túmulo (metzavá) e se realiza uma cerimônia especial na qual se recita o Kadish. Esta oração deve ser recitada pelos enlutados diariamente durante 11 meses e se reúne um minian.

Yortzait (idish, em alemão Yahrzeit) - ano de recordação.

Recorda-se em casa e no Templo. Acende-se uma vela ou uma luz por 24 horas em lembrança da alma do morto e na Sinagoga o enlutado deve dizer o Kadish.

## Izkor

É uma oração em lembrança dos mortos e dos mártires do povo judeu. Significa que Deus **recorda** (izkor) a alma dos seres queridos.

Não se recita esta oração até completar um ano do falecimento já que neste período, diariamente se recita o Kadish.

Na Sinagoga dizemos Izkor nas seguintes festas: Pessach - no 8º dia; Shavuot - no 2º dia, Iom Kipur e Shemini Atzeret.

## A Oração e a Liturgia

Uma das práticas fundamentais do judaísmo é a relação do homem com Deus através da oração. Seja uma louvação, reconhecimento, pedido de força, de fé, de coragem e entendimento ou seja de assombro frente a beleza e ao mistério do mundo. Entretanto a oração fundamental deve ser aquele que propõe ao questionador as duas perguntas básicas de Deus:

“Onde estás Adão?” em que lugar do mundo e da realidade nos encontramos e que resposta damos a isto e

“Onde está ter irmão Abel” onde está nossa

responsabilidade frente ao nosso próximo, à sociedade e o compromisso com o povo judeu.

A liturgia se preocupa com o mesmo campo que a oração, apenas em nível coletivo. Ali não oramos individualmente senão junto com o grupo.

Analisaremos agora não a oração individual senão a expressão do grupo através da tradição, como um conjunto de experiências, que refletem séculos de amor, de estudo e sabedoria, de sofrimento, e paixão cristalizados na liturgia judaica.

As principais expressões desta liturgia são:

1) SIDUR - é o livro de orações judaicas para o ano inteiro e para o Shabat. Foi elaborado desde a época talmúdica.

2) MACHZOR - É o livro de orações para as festas. Machzor significa ciclo. Cada festividade tem seu machzor.

3) MATBEA SHEL TEFILA - Forma ou estrutura obrigatória das orações. É o esqueleto fundamental da liturgia, o mínimo que é obrigatório dizer e que não pode ser retirada da oração.

PIYUT - Hinos religiosos das festas que não fazem parte da matbeo.

BRACHA, BRACHOT - Bênçãos. Fórmulas de reconhecimento ou agradecimento a Deus pelos dons da natureza, ou de necessidades vitais ou da liturgia que nos outorga.

AKDAMUT - Hino religioso que se canta em Shavuot.

HOSHANOT - Orações de súplica e de pedido de salvação que se canta em Sucot.

HALEL - Salmos 113 a 118 que se diz em Rosh Chodesh, os shalosh regalim.

KRIAT HATORA - serviço de leitura da Torá (ver Sinagoga)

BIRCAT COHANIM - bênção dos cohanim.

HAKAFOT - Hinos e procissões respectivos com a Torah em Simchat Tora.

IZCOR - (que Deus recorde) - oração pedindo que Deus recorde a alma dos falecidos.

Reza-se em Iom Kipur, no 2º dia de Shavuot,

e no último dia de Pessach e em Shemini Atzeret.

KINOT - elegias pela destruição do Templo que se cantam em Tisha BeAv.

AGADÁ - ordem do serviço nas primeiras noites de Pessach (Seder com o relato da saída do Egito).

BIRCAT HAMAZON - Bênção após as refeições.

Serviços: Devemos rezar 3 vezes ao dia, na medida do possível, a oração coletiva (minian). Cada uma destas orações recorda o Korvan (sacrifícios diário) que se fazia no Templo. Na realidade os sacrifícios eram somente dois, o da manhã e o da tarde, porém como o da tarde levava a noite inteira, acrescentou-se uma 3ª oração à noite.

SHACHARIT: oração da manhã - Desde a saída do sol até o meio dia.

MINCHA: oração da tarde - Desde meia hora após do meio dia até a queda do sol.

MAARIV OU ARBIT - oração da noite - meia hora após o pôr do sol até antes que amanheça.

Estes três serviços são rezados em todo Israel e no lugar do sacrifício o que implica que mais do que atitudes individuais são obrigatório o que implica que mais do que atitudes individuais são obrigatórias em nome do grupo. Quer dizer que além destes 3 podemos rezar o que quisermos, como e quando quisermos.

### **Ritual**

O pai deve chamar a um cohen para que este redima seu filho. Para isto deverá entregar ao cohen 5 moedas de prata ou um objeto de igual valor (porém não dinheiro que tem um valor simbólico e não intrínseco) e o cohen deve praticar justiça social com estas moedas (tzedacá). Se o pai da criança é pobre pratica a tzedacá com ele.

Coloca-se sobre a mesa um copo de vinho,

uma chala e uma almofada, sobre a qual coloca-se a criança e se abençoa a chala. A cerimônia é basicamente um diálogo entre o pai e o cohen. O pai declara diante do cohen, como resposta à pergunta se prefere que seu filho esteja sujeito aos sagrados compromisso do primogênito ou redimi-lo. O padre responde que prefere redimi-lo de acordo com o que está escrito na Torah e entrega ao cohen as 5 moedas de prata. O pai recita a bênção da mitzvá de pidion haben e a seguir ele e sua esposa dizem sheecheianu (agradecimento a Deus por manter nos vivos e chegar até este momento).

O cohen abençoa então a criança com bircat cohanim (a bênção sacerdotal - "Deus te abençoe e te conserve. Te ilumine Deus com sua Presença e te dê graça Deus se volte para ti e Te conceda a paz:.

O cohen abençoa o copo de vinho. E logo prossegue a seudá-mitzvá (comida de caráter religioso).

### Princípios do Judaísmo

Devemos destacar três princípios que pertencem ao desenvolvimento do pensamento judeu: Deus, Torah, Israel.

DEUS - partimos do princípio que a vida do homem não lhe pertence, depende de quem a deu. Partindo deste ponto de vista, o homem não é o dono do mundo, nem o homem possui o sentido total que está mais além dele e de seus conhecimentos. O maravilhoso desígnio que se manifesta através do cosmos e da natureza são o reflexo de "algo" ou de "alguém" superior e que mantém a ordem neste universo infinito.

Chamamos de **idolatria** toda tendência antiga ou moderna de dar caráter absoluto e perfeito a algo que é relativo, contingente (incerto) e passageiro (forças da natureza, riqueza, poder, êxito, Estado). Nas formas idolátricas adoram-se aspectos parciais da

natureza e da vida em lugar de conceber que no todo Universal deve existir algo totalizado e unificador das formas parciais.

Também se está em atitude idolátrica quando se colocam como valores mais altos também situações ou formas que são parciais.

Cada um deve fazer o melhor que está ao seu alcance para realizar a santidade na sua existência ao cumprir com o preceito de ajudar a Deus a melhorar este mundo.

### Os nomes de Deus

No judaísmo mais do que uma preocupação do que é Deus, já que não se questiona sua existência como o Ser Criador, a problemática se centraliza na relação ou diálogo entre o homem e a divindade. O produto literário deste diálogo seria o TANACH.



Deus carece de nome. A Moshé apareceu como "Eu sou aquele que Sou", o Ser Eterno. Seu nome será o ser e está representado em hebraico por 4 letras (ou duas em forma abreviada) YHVH, o chamado SHEM HAMEFORASH, o nome Inefável, que ao não se saber exatamente a sua pronuncia ante a falta de vogais, dizemos em seu lugar ADONAI, meu Senhor.

Também o denominamos com outros nomes ou atributos daquilo que Ele é: HASHEM (o nome) HAMACOM (o lugar) ELOHIM



(DEUS), Ele; ELOHA (Deus) EL SHADAY (Deus Todo Poderoso).

A profissão de fé essencial no judaísmo é a unidade e unicidade de Deus expressa no Shema.

**SHEMA ISRAEL, ADONAI ELOHEINU  
ADONAI ECHAD:  
Ouve Israel, o Senhor é nosso Deus,  
o Senhor é Único.**

A idéia de Deus no judaísmo está intimamente ligada a outras duas:

A Torah (a revelação de Sua palavra e vontade) e Israel como seu povo que cumpre e é testemunha de sua palavra e vontade e também a terra de Israel (Eretz Israel) como o lugar que Deus escolheu para o seu Povo.

### **O problema do mal**

Por sermos seres humanos desconhecemos o porque do mal no mundo. Não conhecemos a totalidade do Plano Divino e talvez o que nos parece injusto e ruim, somente o seja dentro de nossa perspectiva finita e parcial.

Quem sofre não deve crer que deve interrogar, perguntar acerca do seu sofrimento e o importante é ver qual é sua resposta frente a este sofrimento e o importante é ver qual é sua resposta frente a este sofrimento. Do mal que existe no mundo e de sua possível correção deve ser responsável o próprio homem em sua última instância.

Creemos que deve haver uma justiça frente aos atos de maldade ou de outro modo toda a História seria um absurdo, porém quando, como e aonde pertence também o mistério da Vida e ao qual o homem não tem acesso por suas próprias e finitas limitações.

De acordo com a traição judia o mundo se criou por Midat Hadin (por meio de uma ri-

gorosa justiça, porém logo Deus a trocou por Midat Harachamim (por meio do Amor misericordioso) já que de outra forma o Mundo teria sido destruído na menor ofensa praticada contra a divindade.

### **Torah**

A Torah é o ensinamento ou Tradição entendida como Revelação divina. Num sentido estrito seria o Pentateuco ou Chumash, isto quer dizer os 5 livros de Moisés dado a ele no deserto e no Sinai. Numa definição mais ampla é o Chumash como Torah Shebichtav (Torah escrita) porém o complemento da Torah Shebealpe (Torah escrita).

Para os ortodoxos ambas são de revelação divina e estes entendem a revelação em seu sentido literal como uma real manifestação da vontade divina. Nos movimentos liberais prefere-se falar em inspiração divina mais do que em revelação. O importante não são as palavras mas sim o sentido que lhe atribuímos.

Para o conservadorismo na sua generalidade a Torah é uma série de círculos concêntricos cujo núcleo é o Pentateuco rodeado pela literatura judaica posterior, Talmud, Midrash, Cabala, Chasidut, Filosofia, Literatura contemporânea. E distingue (diferencia) entre princípios e leis. Os princípios seriam os valores eternos, enquanto que as leis seriam ajustáveis e requereriam a interpretação das gerações.

Daí entende-se (conclui-se) que a Torah é a mesma porém em cada época a vontade divina reúne uma contemplação a mudança que representa o processo de Deus na História. Por este motivo prefere-se falar na Torah Min Hashamaim (Torah do Céu) ao invés de se falar em Torah Misinai (Torah de Moisés desde o Sinai). Existe a preferência pela primeira pois nela cada momento histórico é parte de uma revelação nunca interrompida, variável, porém unificada pelos princípios in-

variáveis. Os princípios seriam: os rituais e as festividades, a idéia de cashrut, o amor a justiça e aos homens, a idéia de Tefilá (oração) e tudo em conjunto como uma maneira de amar a Deus, servi-lo e andar humildemente em Seus caminhos para a realização da santidade de um indivíduo e do povo judeu.

Acreditamos nós que possuímos a verdade? Nós possuímos nossa própria verdade, seria esta uma verdade existencial, é nosso caminho (e por isso o cremos verdadeiro) porém cada homem tem o direito de escolher o seu, contando que sempre se ajuste ao princípio fundamental de Hilel; “o que não queeres te façam não faças ao teu próximo, isto é o todo da Torah o restante é apenas comentário”.

A Torah foi dada não a um indivíduo mas sim a um povo. Isso veremos no terceiro princípio básico. A Torah seria todo o corpo literário, científico, teológico, filosófica, social, etc. do povo judeu.

### **Israel: Povo e Terra**

*O que são os judeus: uma raça, um povo ou uma religião?*

Não é uma raça, uma vez que os judeus se misturaram desde muito cedo com outras raças, ao aceitar conversões. Josef casou-se com uma mulher egípcia (que não são semitas), Moshé com uma mulher Kushit (negra) junto com o povo de Israel saiu do Egito uma grande quantidade de gente não hebreia; Ruth (ascendente de David não era judia), etc.

Durante o 1º século até o 3º D.E.C. os judeus fizeram numerosas conversões tanto no ocidente como no oriente. Os Kuzares, um povo eslavo, converteu-se ao judaísmo. Existem judeus negros, brancos etc., portanto não podem ser uma raça.

Seriam sim um grupo étnico, como uma grande tribo, com fortes laços de sangue e

familiares, suficientemente aberto, isto sim, para permitir que outros entrem (conversos) e suficientemente fechados para não facilitar a dissolução do povo por meio de conversões maciças e pela rápida assimilação do converso ao processo cultural próprio dos judeus.

*É uma religião?*

Não, se entendemos por religião a simples adesão a um dogma. Aos povos ocidentais a religião (cristianismo) veio de fora, isto é diversos povos podem ter a mesma religião ou diferentes religiões; o povo judeu não pode se separar de sua religião, porque antes de tudo nasceu com a sua religião, ou a religião deu origem ao povo. Por outro lado é impossível falar em religião judaica senão se refere ao povo judeu.

As religiões do ocidente dividem o mundo em 2 aspectos: leigo ou profano e religioso. Para o judaísmo não existe um mundo de César e outro de Deus. Tudo é de Deus, nada é de Cesar. Toda a vida de um judeu está relacionada com as mitzvot (preceitos religiosos) e não existe lugar para um mundo não religioso. Diríamos que o judaísmo mais do que uma religião é uma visão religiosa do mundo.

*É um povo?*

Se entendemos por povo o sentido político que o ocidente dá a esta palavra, onde os aspectos raciais, étnicos, religiosos podem ser diversos para um mesmo povo, então não o é. Porém é um povo, se entendemos AM (povo em hebraico) como uma comunidade concreta étnica com valores próprios e uma mesma convicção religiosa.

Uma coisa seria o povo israelita (composto por judeus, maometanos, cristãos, etc) que cai na definição de qualquer povo como o entendemos no ocidente e outra coisa é o povo judeu em Israel ou no mundo.

É o povo eleito?

Sim, se por isto entendermos, não uma superioridade racial, mas sim na tarefa de ajudar a criar o Reino de Deus, que consiste na criação de uma sociedade melhor e santificada.

Não indica uma preocupação especial de Deus pelos judeus senão a responsabilidade que como judeus sentimos ao nos considerarmos testemunhas da realização da vontade divina na terra.

Junto com o conceito de Israel como povo devemos desenvolver o de Israel como terra. Já que Eretz Israel de acordo com a nossa Torah foi eleita por Deus para ali o povo judeu se desenvolver sua tarefa (missão) como OR HAGOIM (uma luz para os povos). O sionismo é o anelo do retorno ao cumprimento da dita tarefa.

Agora podemos resumir todos estes conceitos e ver que os princípios básicos aqui desenvolvidos - Deus, Torah e Israel estariam inter-relacionados com diz a Kabalá que os 3 são um (no sentido de que não se pode falar de um sem implicar o outro). Deus é o ser criador do Cosmos porém por Sua vez revela a vontade por meio da Torah a Israel.

A Torah foi dada por Deus como caráter distintivo ou forma de vida de Israel. O povo de Israel tem uma tarefa que é a de ajudar a Deus a terminar de criar o mundo melhor que será a Redenção. Criação, Revelação e Redenção são três pontos históricos que falam do princípio, passado e presente e futuro da História.

Poderíamos dizer então que o judaísmo é a civilização religiosa do povo judeu. A Torah é o estilo de vida e a expressão da cultura desse povo que busca através de realizações concretas de santificação a Deus ou que expressa sua vontade porque a Voz do povo é um dos componentes da Voz de Deus.

## Diferenças entre Cristianismo e Judaísmo

Vivemos numa civilização cristã no ocidente e portanto é importante destacar os pontos mais importantes que existem entre as duas doutrinas:

1) O cristianismo é uma religião. O importante nela é a fé e a crença comum que une povos culturalmente diferentes e pela fé e crença estão em jogo a salvação ou a condenação do indivíduo. O judaísmo mais do que uma religião é um **povo** com uma civilização religiosa. Abrange os judeus dispersos em toda parte e com uma grande variedade de traços culturais porém todos sentem-se unidos na crença comum de pertencerem a um mesmo povo num mesmo parentesco de sangue e uma Tradição comum.

2) Os dogmas são básicos no Cristianismo e da mesma forma os mistérios e os milagres. No judaísmo existem princípios fundamentais que são a essência da Doutrina, Deus e a Criação, Revelação e Redenção do mundo, porém as idéias acerca destes princípios são múltiplas. Ninguém é condenado ao salvo pela sua crença. O fundamental é a conduta e a observância da vontade divina.

3) Para um cristão é fundamental na afirmação de sua fé dizer: "Creio na existência da Deus .." Enquanto que para o judaísmo dizer que alguém "Crê em Deus" não quer dizer nada porque acreditar em Deus significa **cumprir com a vontade de Deus** encarnada no cumprimento das mitzvot. Dizer que alguém crê em Deus e não ser observante carece de sentido para a fé no judaísmo.

4) O cristianismo e o judaísmo são religiões monoteístas. O judaísmo, entretanto, é um monoteísmo radical e rígido. Não somente acredita num só Deus como também na UNICIDADE desse Deus. Em troca o cristianismo é um monoteísmo sem a idéia de uni-

cidade devido a sua crença na tripla maneira de manifestação do divino.

5) O judaísmo não aceita a idéia do cristianismo onde Deus pode tornar-se homem (como Jesus). Não precisa de intermediários que salvem o homem interpondo-se entre ele (homem) e a divindade, nem do sacrifício de alguém que por si pode salvar a humanidade.

Não existem também intermediários no nível de sacerdotes ou santos. Cada judeu pode dirigir-se a Deus diretamente, confessar seus pecados e dirigir um serviço religioso. O rabino é um mestre e intérprete da Torah porém não é um intermediário entre Deus e os homens. Nenhum ser humano atinge a categoria de santo depois de sua morte nem é intermediário, cada um em vida deve ter como meta e realização da santidade de sua existência, dentro dos limites da imperfeição humana. Todos os homens, mesmo os mais santos, são pecadores no conceito judaico. Os rabinos não são “chamados” por Deus, nem iluminados nem possuem poderes espirituais nem são eleitos por Deus para este cargo.

6) O judaísmo não considera a vida sexual como pecaminosa nem louva a abstenção e o celibato. Pelo contrário, considera o sexo como algo bom e prazenteiro por que Deus o deu, colocando-o no contexto da Santidade do matrimônio.

7) O pecado original é um dogma do Cristianismo. No judaísmo **não existe** tal conceito de pecado original. Todos os homens nascem bons e os pedaços que cometem podem ser reparados através da Teshuva (ver Iom Kipur).

8) O cristianismo anulou a autoridade da lei da Torah e suas mitzvot, vigentes entretanto para o judaísmo.

9) A doutrina messiânica: Para o cristianismo o messias já chegou na pessoa de Jesus, ho-

mem-Deus, e somente esperam a 2ª. Chegada (Paroussia) com o Juízo Final e a ressurreição dos mortos.

Para o judaísmo, o Messias é somente um homem, da dinastia do rei David, porém mais importante do que ele, é a crença na **era messiânica**, uma época em que todos os homens, os animais e a natureza e todos creem num único Deus. Como este anelo ainda não chegaram e não se cumpriram desde Jesus cremos que o Messias ainda não chegou.

10) O mundo além da morte: No Cristianismo esta idéia é básica pois existe a recompensa ou o castigo eterno (Inferno) para os que creram e foram salvos ou não creram e foram condenados. Os judeus acreditam que a alma continua existindo depois da morte, acreditamos numa recompensa e num castigo. Porém este último não é eterno.

Para o Talmud o castigo máximo para um malvado são 12 meses. Porém o judaísmo não dá ênfase ao além mas o importante agora é a existência aqui, que deverá ser vivida com sentido aqui e não como um passo para o além.

11) Fora do catolicismo não existe salvação. O judaísmo não afirma o mesmo. Cada um pode ser salvo dentro de sua própria religião e os justos de todas as nações participam do além (depois da morte) e no mundo por vir na era messiânica.

O importante não são as crenças mas sim as ações dos seres humanos. O cristianismo ao acreditar que é a única verdade deve procurar prosélitos (pagãos) para “salvá-los”.

O judaísmo que acredita que cada um se salva na sua própria religião não precisa ter um atitude proselitista. Entretanto quem quiser se converter ao judaísmo e decide participar do destino da fé e do Pacto de Israel pode fazê-lo, sem que isso tenha algo a haver com sua salvação.

## Cardo - por Baruk Cruz

**E**ra o ano de 1156 d.C., o rei de Jerusalém era o sempre infante Balduino III que havia deposto sua mãe Melisende, os Cristãos dominavam a Cidade Santa por mais de meio século e somente mais um século a frente se fariam reis na terra onde há somente um Rei e Senhor.

Henry Rimel respirou fundo e segurou o ar em seus pulmões mais uma vez, em cima do seu cavalo. Abriu os olhos e a paisagem árida a sua frente refletia uma luz que lhe parecia irreal. Lembrou do verde de suas terras, toda colorida e perfumada pelas arvores em flores na primavera e toda branca pela neve no inverno.

Repetiu a respiração profunda e lenta mais uma vez e sentiu a sua volta o silêncio, somente perfurado pelos cascos dos cavalos em sua marcha lenta e continua monte acima.

Sua missão era simples, mas, como todas no caminho da Cidade Santa, perigosa.

Ainda lembrava-se do hálito de seu Grão Mestre cheirando a leite de amêndoa, ao lhe dizer: - Irmão amado, debes guiar e proteger uma caravana especial à Cidade Santa. Em meio aos monges, nobres, artesãos e pessoas do povo há dez donzelas que irão prestar homenagem ao verdadeiro Rei de Jerusalém. Deves protegê-las com sua vida se necessário for, pois elas são como ouro aos olhos do Rei.

Ele era um cavaleiro experiente, mas novo aos seus votos ao templo. Tinha sentido o peso da espada em seu ombro e escutado seu juramento queimado apenas alguns meses atrás e já recebia uma missão especial. Era uma prova da vida e ao mesmo tempo uma honra.

Apesar de ser Francês havia sido iniciado no reino de Aragão próximo da fronteira com

Castela nas terras de Espanha em uma torre muito alta e de bela arquitetura, que fazia parte de um castelo construído sobre um monte, que no futuro se tornaria um mosteiro e igreja muito visitados. A sala era muito bem decorada, mas simples e com sacadas nas quais se enxergavam o horizonte e aberturas no teto para se verem o céu e as estrelas.

O proprietário, era conhecido como Señor Juan, Cavaleiro Justo e Misericordioso. Ele praticamente morava na torre do castelo e seu povo sempre podia contar com seu senso de justiça e seu coração enorme. Foi ele quem lhe abençoou, abraçou e recebeu aos pés do altar que revalidava sua aliança com Deus.

Henry Rimel vivera uma vida desregrada e luxuriosa baseada em uma nobreza e riqueza falsas herdadas de outros que viveram antes dele. Os votos de Pobreza, Obediência e Castidade que lhes foram exigidos e que lhes jurou por sua honra eram extremamente difíceis de suportar interiormente e ainda mais no dia a dia da sua corte.

Resolveu partir. A providência “ajudou”.

Seu Grão Mestre sabia de tudo isso. Vira suas fraquezas no céu estrelado da torre, sabia também de seu coração grande, a fé em Jesus Cristo e o evangelho de São João que não lhe saía do alcance.

Pouco antes de partir, como irmão, veio ao seu encontro e disse-lhe – Irmão amado, o caminho que vais percorrer, eu já o cavaleguei, mesmo assim seu caminho será diferente do meu. Os perigos que enfrentei neste caminho são os mesmos, da mesma forma que os seus me seriam totalmente estranhos.

Para que possa guiar com sucesso a caravana peregrina lhe cederei meus cavaleiros mais

experientes e cada um deles lhe será útil em determinada parte da jornada, pois cada um deles é perito em uma arte desta guerra e são muito bons nas outras também.

- Também lhe acompanharão meus conselheiros reais:

Gentil, o pai, é um excelente estrategista e sua maior virtude, não a única, é a prudência em todos os atos em meio a uma situação de perigo ou não. Por isso sois chamado de sábio do silêncio pois, quando em paz estás dentro de ti mesmo e quando em perigo sabes escutar os ventos e os corações e assim escolher o melhor caminho e em quem confiar a tua vida.

Joanne a Justa, é uma dama que tem o direito de usar a espada, ela vive entre as colunas do coração e da lei de Deus e está sempre pronta para perdoar e sempre alerta para lutar caso o equilíbrio eterno seja ameaçado.

Marie a Virgem, não se engane com a aparente fragilidade desta donzela, de todas é a mais forte. É a própria fortaleza para os momentos em que fraquejar. Conta a lenda que atacada por um leão o dominou com facilidade e segurou sua boca com as próprias mãos morenas e delicadas.

Angelique de Dieu, tem este nome pois como anjo nos protege da ira divina, nos defende do príncipe deste mundo, guarda nossa memória das vidas passadas, com suas asas ao mesmo tempo que nos ajuda ensinando como não provoca-la mais inspirando a alma a trazer do céu à terra um pedaço do paraíso nas simples escolhas do dia a dia.

As vezes Henry percorria a longa fila em sentido contrário inspecionando as provisões, os enfermos, as posições de defesa na retaguarda e é claro como estava o conforto da viagem das dez donzelas.

Colocou sua pequena filha, Anne Marie, junto com elas assim que dera início a romaria, o

que achou sábio, pois sua filha, apesar de não ser pura, refletia tudo de bom que ele já havia sido, poderia aprender com elas na viagem e no mais confiava nela como em si mesmo.

Também outros dois de seus filhos lhe acompanhavam nesta jornada, Pierre, cavaleiro que era sua cópia viva e o qual ele não sabia o que era maior: seu orgulho por ele ou o orgulho que ele sentia de si próprio. Henry as vezes achava que o filho zombava de Deus pois não poderia haver algo maior no mundo que seu ego.

Seu outro filho Alphonse era monge cavaleiro hospitalário e seguia com seus irmãos logo atrás dos cavaleiros pobres. Ele era todo religiosidade e caridade.

Henry amava a todos seus filhos e nunca estava com todos juntos ao mesmo tempo, então sentia que os amava de forma diferente por suas naturezas e a cada tempo que a eles se dedicava. A cada um, amor e de cada um, outro sentimento.

Percorrendo mais uma vez a longa serpente de homens, cavalos e camelos, que se arrastava no deserto, para averiguar o andamento, percebeu em meio ao grupo um cavaleiro de vestimenta rica, em manto negro sem nada nele que identificasse sua procedência e encapuzado, montado em um cavalo negro que lhe aumentava o mistério.

Podia ser alguém que seu grão mestre ou alguém da ordem que foi enviado como informante de como seguia a missão ou quem sabe alguém do Rei, pensando melhor descartou estas fracas hipóteses.

Foi quando ouviu os silvos dos batedores à frente, virou seu cavalo e tomou-lhes a direção. A informação era de que um grupo pequeno e bem armado de salteadores estavam atacando um grupo de peregrinos sem muita proteção a oeste, um pouco mais a frente.

Logo se formou uma comissão de cavaleiros e decidiram junto com ele formar dois grupos e enquanto um lhes atacava diretamente outro iria pelo flanco.

Chamou os monges cavaleiros e os designou a tomar conta da caravana enquanto não voltassem.

A experiência dos cavaleiros no ataque fez com que subjugassem os homens rapidamente e os que sobreviveram estavam de mãos amarradas e de joelhos em fila um ao lado do outro.

O líder peregrino veio ao seu encontro gritando e reclamando que eles mataram seus poucos cavaleiros que protegiam a caravana e queria que todos fossem passados ao fio da espada, pois não teria como seguir viagem à terra santa.

Sem muito pensar chamou seus cavaleiros e pediu-lhes que cada um deles se postasse atrás de um prisioneiro com suas espadas.

Ao som dos gritos em uma língua que lhe era estranha, mas de provável misericórdia, Gentil se aproximou com seu cavalo e pediu a Henry uma conversa em particular e lhe advertiu em voz grave:

- Senhor, olhe estes cavaleiros ajoelhados. Olhe suas vestimentas. Não parecem ser simples bandidos. Senhor, a tentação nos cega com seus gritos que dentro de nós ecoam como se fosse verdade e reclamam a vida de suas testemunhas que lutam contra ela. Nós a achamos sutil por que estamos torpes, caso contrário nossos ouvidos doeriam com tal grosseria e nossos sentidos nos colocariam em alerta máximo contra tal inimigo.

Era verdade. Agora que a areia tinha assentado e o pouco vento os limpava percebeu que suas roupas eram ricas em bordados e símbolos.

E Gentil havia percorrido a área, tinha obser-

vado algo muito mais estranho e lhe confidenciou:

- Senhor a Prudência sempre pede para se averiguar de onde vem aqueles de que se tratam a colocar nossas almas em perigo no momento. Olhe o rastro antes da batalha. Esta caravana não estava indo a Cidade Santa.

Novamente Gentil estava certo. Pela posição do sol, eles estavam vindo de algum lugar mais ao sudeste e não indo como se pensou inicialmente.

Henry não se conforma de ter sido enganado, e como louco, grita aos seus cavaleiros, que de prontidão desembainham as espadas e cercam os líderes da caravana enquanto ele puxa as rédeas de seu cavalo com violência de um lado para o outro mudando a direção do animal como se fosse um felino na jaula.

Pede para que coloquem o líder, sua mulher e filhos, de joelhos para que sejam decapitados, desce do cavalo e anda furioso de encontro ao homem que chora contra a terra seca, saca sua espada e a levanta preparando o golpe mortal, quando a desce com todo seu peso sua lamina encontra outra. Ele levanta a cabeça com o olhar incrédulo, diminui a sua força ao encontrar os olhos mais doces que poderia ter visto.

Joanne deixa sua espada cair ao lado do corpo e diz:

- Irmão amado, o homem nasce julgando, pois julgar é pensar escolhas e isto é essencial a sua sobrevivência mas, há duas balanças dentro dele. Uma é a que compara os pesos de si mesmo e sua relação com a natureza e a irmã Angelique poderá depois te mostrar esta balança.

Joanne então ficou ereta parecendo muito maior que todos que assistiam, e continuou - A outra é a que compara os pesos de si mesmo com as outras almas. É a consciência e seus dois pratos. Os pratos da Justiça. E ao

homem não é dado nenhum outro poder em relação aos seus irmãos, a Justiça no homem julga mas nunca condena pois seu fim é a Paz.

Ele ameaçou falar, mas ela o interrompeu com autoridade - Os que tem fome e sede de Justiça serão saciados de Paz e não da satisfação de um equilíbrio universal pois este ultimo é o motivo da minha existência.

Henry desmoronou. Pensou no que esteve a ponto de fazer e se ajoelhou se apoiando em sua espada como uma cruz.

Enquanto isso seus cavaleiros interrogaram os lideres e suas famílias e descobriram que eles carregavam uma carga especial, mas ainda não tinham entendido de qual natureza era esta carga.

Henry chamou os monges do Hospital para cuidar dos feridos e enfermos e foi seu filho Alphonse, que veio com eles, que encontrou amarrado atrás de um cavalo e envolto em tecidos imundos, um cavaleiro ferido de morte com uma vestimenta igual a dos atacantes da caravana.

Estes agora livres das amarras se levantavam e alguns deles se aproximaram do ferido e gritavam, choravam e pediam aos céus por algum milagre. Outro, com um símbolo diferente em sua capa se aproximou de Henry e lhe disse em sua língua carregada de sotaque:

- Irmão, meu nome é Kalil e nós somos de Salkhad, cidade que fica mais ao leste entre Damasco e Jerusalem e pertencemos a irmandade El Israh e nada mais fazemos do que procurar a paz e o amor em recolhimento dentro de nosso templo sagrado, na nossa pequena cidade de Salkhad e que em nada se compara com a Cidade Santa. Nestes dias em que se anunciam o fim do mundo nos foi dado um homem que nos tem guiado por entre tantos povos em guerra pedindo somente que oremos e distribuamos nosso amor no trabalho.

Seu nome é Al Hallaj, que significa, Eu Sou a Verdade. Ele foi capturado por estes disfarçados em peregrinos para ser sacrificado em nome da escuridão e na batalha lhe feriram de morte e o levaram para mostrar aos seus senhores e nós os perseguimos.

Os lideres mentirosos e seus poucos cavaleiros foram amarrados e agrupados para se ter guarda. Os três grupos, a caravana de Henry, os homens de Salkhad e os falsos peregrinos, então começaram a se misturar.

Sua filha que havia saído da companhia das donzelas ao escutar o alto lamento dos homens em torno de Al Hallaj se aproximou deles e pediu para verificar o ferimento. Abriu um pedaço da roupa ensopada de sangue e o corte infeccionado lhe atingiu como um golpe.

Ele ia morrer sem duvida. Ela se consternou, se ajoelhou e chorou a Deus pedindo por aquela vida e aquela alma.

Sua dor autentica de criança nem lhe deixou perceber o barulho e arruaço de pessoas e animais se deslocando, gritando, blasfemando e caindo ao passar entre elas o grande cavalo negro até parar ao seu lado.

Henry percebeu o movimento do cavaleiro e movimentou-se em sua direção para interrogá-lo, porém uma força não lhe permitiu fazer nada a não ser assistir a cena.

- Anne minha filha, levante-se. Eu sou Fillipe e tive um sonho que me mandava seguir esta caravana até que pudesse salvar a Verdade da morte certa e que esta era minha única missão. Permitam-me cuidar de Al Hallaj.

Deitaram o homem já branco azulado em uma maca elevada e Phillipe tirou-lhe a túnica suja, alcançou de seu alforje um frasco, que abriu de uma pequena rolha dourada, empapou um linho branco com o liquido e limpou-lhe os ferimentos. Depois, de um pequenino vidro colocou na ponta de seus dedos



médio, indicador e polegar juntos como um a pequena concha, um pó dourado e fez uma cruz sobre o ferimento, então verteu mais do líquido, retirou da bolsa uma agulha e pediu para esquentá-la no fogo até ficar vermelha e com um fio de pele de algum animal costurou o ferimento com se fosse sua roupa.

Pediu aos monges que lhe dessem muita água e um caldo quente a base de carne de cordeiro salgada então se ajoelhou e agradeceu ao Senhor por mais uma vez ouvi-lo.

Levantou-se e beijou a testa do ferido dizendo:

- Obrigado meu Senhor Al Hallaj por permitir ser eu o instrumento divino de sua vida continuar na terra.

Al Hallaj que não podia falar lhe pediu em gestos que ele se inclinasse e lhe soprou três vezes na testa.

Estavam vivos.

Henry e todos com ele ficaram como que hipnotizados diante do milagre às portas da morte.

O cavaleiro então foi ao encontro de Henry e lhe desejou:

- Ao irmão e todos com ele saúde, paz e união em sua jornada. Eu não fiz nada, apenas segui o que Deus me mandou fazer e pedi que me ajudasse a cumprir o que Ele mesmo ordenou. Os que se encontram no caminho certo da Cidade Santa encontraram cedo ou tarde o Monte Santo e verão milagre maior do que este.

Fez o sinal da cruz, virou o corcel negro e tomou o caminho de volta a sua terra.

Henry agora tinha duas caravanas juntas, já que não podia deixar os falsos peregrinos voltarem sem proteção, e pensou como a

vida coloca nas nossas mãos outras vidas ainda que contra a nossa vontade.

Ordenou que montassem sete tendas para abrigar a todos, ele ia levar também os falsos peregrinos para a Cidade Santa assim poderiam pedir perdão por seus atos.

Al Hallaj precisava de tempo para se recuperar e viajar e ele precisava de tempo para planejar novamente o resto da viagem.

Após três dias Al Hallaj lhe chamou em sua tenda. Ao entrar, Henry quase não o reconheceu, ele estava completamente curado, tinha recuperado a cor, lavado o corpo e trocado de roupa. Agora exalava cheiro de rosas e sua barba negra estava amparada e penteada.

Em voz alta e clara chamou Kalil que prontamente apareceu. Então começou a falar vagarosamente e Kalil ia traduzindo com seu sotaque carregado.

- Caro Irmão na Verdade, obrigado por ter escutado seus conselheiros, e repensado suas ações e assim, permitir que eu vivesse para o meu povo até quando o Senhor de todos nós me levar para junto Dele. - Sua voz era tão clara, que quase não precisava escutar a tradução de Kalil.

- Agradecemos todos a Providência Divina por nos permitir agir conforme a vontade de Deus.- respondeu Henry ainda sob efeito daquela voz límpida. – Sua pequena caravana vai precisar de provisões e alguma proteção para chegar a sua cidade. Joanne e alguns de meus cavaleiros lhe acompanharão e os reencontrarei na Cidade Santa se esta for a vontade do Senhor.-

- Obrigado por mais isso Irmão na Verdade. Em troca lhe darei este presente. – Era um diamante como nunca tinha visto outro igual, engastado em uma coroa encabeçando um anel de ouro polido. - Sempre use este anel, o diamante é a Verdade e o ouro é o Amor.

Mostre-o quando precisar da verdade e do amor e a verdade se fará presente e seu coração se aquecerá como fogo.

- Fique no Amor de Deus caro Irmão. - disse Henry colocando o anel.

- Fique na Verdade de Deus caro Irmão – foram suas ultimas palavras e Henry se retirou.

Assim que os cavaleiros de El Israh partiram deu ordens aos seus para descerem as tendas e reiniciar a viagem. Sentia-se muito bem disposto e feliz consigo mesmo.

Agora seu filho Pierre lhe fazia companhia ao lado e estranhamente Angelique de Dieu se juntou a eles. Sempre que olhava para ela parecia ver asas para os lados e para cima.

Caminharam dias e dias, subiram montes e os desceram, montaram e desmontaram as tendas, ele sempre procurando tomar as decisões justas e equilibradas, com a ajuda de Angelique, nunca a mais e nem a menos, sendo sim e não, e nada mais que isso, como no evangelho.

A presença dela fazia como se ele se sentisse sempre em estado de oração mesmo no trabalho árduo de gerenciar o dia a dia da viagem.

Um dia ela lhe disse - Estas são as asas que às vezes enxerga em mim. As asas de Marta e Maria, ora e trabalha constantemente e seus corpos não cessarão mais de fazer isso mesmo quando estiver dormindo. E quando tiver um problema para resolver ou uma situação para decidir lembre destas asas e eu lhe trarei a inspiração divina para ajudar na solução ou decisão.

Também Gentil estava sempre com ele quando tinham que pensar as possibilidades do caminho a se tomar – O melhor caminho, meu senhor, não é o caminho reto e sem pedras e sim o caminho que se possa apren-

der com as pedras e suas características, tamanho, formato, dureza, etc. e assim evita-las ou usa-las a nosso favor e é sobre os montes que vemos o horizonte do nosso futuro e estamos mais pertos de Deus. - Lhe ensinava no meio do caminho.

Outra vez disse – Nesta guerra, travada dentro de nós mesmos, quando conhecemos o terreno é que precisamos tomar mais atenção para não cair e todos os dias antes de dormir, devemos afiar nossa espada para o próximo dia.

A jornada continuou na velocidade que todas aquelas almas juntas permitiam alcançar e as dez donzelas no interior da caravana faziam a viagem na melhor maneira possível pelos montes, vales e a beira do mar e também por terrenos pedregosos, duros e secos.

Após seis meses da sua saída a caravana chegou ao cimo de um monte que dava para se avistar o horizonte até a visão se tornar borrão e resolveram montar as tendas, não faltava muito para chegar a Cidade Santa. A noite Henry pediu que em todas as tendas se fizesse uma oração de agradecimento antes e após a ceia.

No nascer do sol se preparavam para sair quando as sentinelas deram o alerta. Os cavaleiros se reuniram mais acima no monte e puderam avistar nas areias abaixo um exercito de grande tamanho enfileirado lado a lado cobrindo o horizonte e um enorme numero de fileiras por de trás a ponto de deixar apreensivo o mais destemível cavaleiro pois começaria a achar que este seria o glorioso dia de voltar para Deus.

Procurou por Gentil, mas quem estava ao seu lado era seu filho Pierre e Marie a Virgem que lhe disse:

- Se enfrenta-los em guerra será destruído, os ataques não cessarão até lhe atingir em algum ponto fraco.

Seu filho objetou – Senhor, somos melhores e mais bem preparados cavaleiros e se vencermos chegaremos na Cidade Santa como heróis e esta batalha será contada por gerações e gerações.

Sem saber o que decidir, procurou mais uma vez por Gentil e Joanne e não os encontrou.

Marie voltou a falar desta vez com mais autoridade – Senhor neste mundo caído, a força que polemiza, cria guerras e discórdia, está presente em nosso ser animal, enfrenta-la com a mesma arma em muito menor número em seu próprio território é como a gazela enfrentar o leão. Precisamos da união com a força do alto e usar seus exércitos que com certeza usarão da cooperação com a força de baixo e assim penetrar na fortaleza mais poderosa e sólida.

Pierre visivelmente nervoso cochichou no ouvido do pai – Senhor envia os cavaleiros que lhe foram cedidos para a batalha e quando eles forem vencidos estenda sua bandeira e peça negociação, assim não parecerá ter sido covarde ou fraco aos olhos do inimigo.

- Senhor na negociação pode ser que até saia com vida, mas de nenhuma forma eles deixarão de levar todas as mulheres, inclusive sua filha e as santas donzelas do Rei; Marie que tinha escutado perfeitamente apelou ao iniciado.

Pierre ameaçou contrapor, mas Henry foi decisivo como um chicote – Cala tua boca meu filho e vai até os monges chamar teu irmão Alphonse e mande um mensageiro com um pedido de paz. - Marie lhe sorriu e sua pureza chegava a lhe doer o coração.

Quando Alphonse se aproximou pediu lhe que preparasse uma comitiva de cavaleiros monges sobre o estandarte da Cruz, - com Joanne carregando a bandeira da Paz e Marie a frente comigo, descereamos todos para conversar com o líder deles.

Antes de descer, puxou Marie de lado e disse – Marie eu tenho que lutar e vencer este obstáculo senão como chegarei ao Monte Sagrado?

Marie ainda sorrindo lhe disse – Eu não lhe disse para não lutar, apenas lhe disse para não lutar no território deles e sem ajuda dos céus. Eu sou a força e estarei ao seu lado. E além do mais nós estamos sobre o Monte Sagrado.

Eis o que lhes dirá: - e lhe estendeu um pergaminho virgem escrito com o que dizer, em formato de círculo com uma cruz em seu centro e nomes divinos em sua volta.

Começaram então a descida do Monte da Aliança e sentiram os soldados do outro lado se colocarem em alerta e se prepararem.

Henry tropeçou em umas pedras e de repente, como se sempre estiveram ali somente esperando este tropeço, cinco soldados inimigos empunhavam lanças para o corpo de Henry que caía sobre eles.

Ele estaria morto se não fosse por Angelique que pareceu ter voado e lhe segurou enquanto seus monges cavaleiros a comando de Gentil matavam o inimigo.

Ao chegar mais perto viram que haviam erguido uma tenda para negociar a rendição e seu líder ali já os esperava.

A pequena comitiva comparada ao exército a sua frente parou e apenas Henry e Marie continuaram e ao entrar na tenda o líder foi logo se impondo – Eu sou o grande T'Sal Balli e esta mulher não pode entrar nesta tenda.

Henry também falou com autoridade – Eu sou Henry Rimel a caminho da Verdade e esta mulher é minha conselheira e como viemos em paz ela entrará ao meu lado.

T'Sal Balli chamou então seus secretários e abriu os documentos sobre a mesa. Nele

Henry lhe deixaria todos os cavalos e animais, todas as mulheres e crianças, e todos os jovens fortes. Todos seriam vendidos como escravos, ele partiria com vida e com a companhia de seus cavaleiros mais velhos.

Henry então usou a palavra e esta saiu de sua garganta como nunca antes (o Verbo se fez carne e habita em nós):

- Senhor T'Sal Balli, estou aqui apenas cumprindo a vontade do Criador e procuro somente a paz. Deixaremos que todo o seu exercito saia com vida e retorne ao seu reino se não for obstáculo para que possamos chegar a Cidade Santa.

T'Sal riu alto – Caso contrário o que nos acontecerá? – e todos riram com ele.

- Caso contrário, eu pronunciarei sete nomes divinos de Nosso Senhor e o seu efeito será terrível sobre seu exercito.



T'Sal totalmente incrédulo estava achando aquilo divertido - Pois então que os pronuncie e depois eu mesmo te matarei.

Henry pegou seu pergaminho e invocou a força de Deus em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo:

- Eu Sou a Verdadeira Videira.

Desceu do Céu uma miríade de anjos com espadas de luz e milhares de soldados inimigos então se ajoelharam suplicando a Deus o perdão de suas faltas em meio a muita luz e a

areia que o vento levantava enquanto os anjos os rodeavam.

- Eu Sou o Caminho a Verdade e a Vida.

Os anjos agora apontavam suas espadas para o chão e delas saiam fogo que queimavam o solo marcando o caminho para a Cidade Santa. Atrás do exército inimigo uma grande tempestade de areia se formou. Muitos homens apavorados largavam suas espadas e arcos e não sabiam para onde fugir.

- Eu Sou a Porta das Ovelhas – O chão agora tremia e a terra se abria engolindo um homem após o outro como se cobrasse deles o seu alimento. E alguns nem mais tentavam fugir, apenas se ajoelhavam e gritavam implorando misericórdia.

O sorriso do rosto de T'Sal sumira e a cor da sua pele foi se tornando opaca e sua textura rachada como se ele fosse muito mais velho do

que aparentasse.

- Eu sou o Pão da Vida . Henry continuou.

Dos anjos, um lindo Querubim pairou sobre o exército inimigo e com sua espada foi ao norte, ao oeste, ao sul e a leste fazendo o sinal da cruz. Os inimigos então começaram a sentir fome e sede, como se estivessem no deserto sem nada por dias e dias, e se contorciam e muitos caíam por terra de fraqueza apertando suas barrigas e em vão jogando água de seus cantis na boca cada vez mais seca.

- Eu sou o Bom Pastor – Um voz veio do céu como um trovão e todos os inimigos colocaram suas mãos sobre as cabeças sofrendo uma dor terrível e de seus ouvidos saía sangue e silêncio.

T'Sal não queria morrer e em uma ultima tentativa ordenou aos que ainda se mantinham armados que atacassem a comitiva mas Henry nem os escutava mais e disse:

- Eu Sou a Luz do Mundo – Os guerreiros das trevas agora experimentavam de seu próprio veneno, todos ficaram cegos inclusive os secretários de T'Sal na tenda.

Henry levantou o pergaminho aos céus como se fosse uma hóstia e pediu que Deus tivesse compaixão de todos e em seguida invocou o ultimo nome:

- Eu Sou a Ressurreição e a Vida – Os corpos dos santos, iluminados e justos de Deus saíam da terra e suas centelhas divinas de todos os tempos desciam em espiral em um espetáculo de luz, cor e movimento. O inimigo estava paralisado e nem mesmo T'Sal conseguia se mover como se estivesse em adoração diante do amor e verdade que vinha do céu.

As centelhas se uniram aos corpos e cada corpo agora vivo como sempre esteve atacou um inimigo e todos foram mortos.

Apenas T'Sal estava vivo. E tentou atacar Henry que voltava a si depois de tamanho esforço ritual, Marie avançou e pulou sobre ele o derrubando e pisando com toda sua força, esmagou sua cabeça.

Batalha vencida Henry a chamou, mas ela não veio ao seu encontro.

- Aqui termina o que podia fazer por ti meu Senhor e não precisará mais de mim para chegar a Cidade Santa.

Todos desceram o monte sagrado e agora a caravana tomava novamente seu caminho para a Vida.

Henry ainda olhou para trás e Marie agora tinha uma coroa de estrelas que brilhava em sua cabeça e ainda pisava na cabeça da serpente.

Ele sorriu, estava feliz de novo, e seu filho Pierre se juntou a ele e chorando lagrimas verdadeiras lhe pediu perdão humildemente.

Ele colocou a mão no coração do filho e juntando seu pedido de perdão ao dele chorou também a Deus para que lhe perdoasse e assim todos que ele algum dia havia feito algum mal.

Mais seis dias se passaram até que a lenta marcha da caravana chegou às portas da Cidade Santa. Ele pegou sua espada e bateu três vezes com a empunhadura de madeira na pesada porta ornamentada.

A porta se abriu e na sua frente estava um Serafim e suas asas lhe guardando a entrada.

Henry olhava o anjo buscando dentro de si o sentimento que se formou e ele não sabia qual era. Quando olhou em sua volta estava só, era somente ele e o anjo, nem Gentil, nem Angélique, nem seus cavaleiros, filhos, filha, ninguém ao seu lado, a caravana havia sumido e ele estava completamente só.

O Serafim então falou em sua língua:

- Irmão para entrar na Cidade Santa é necessário possuir a Verdade como sentimento no coração e o Amor realizador nos calos das mãos.

Henry lembrou então de Al Hallaj e levantou sua mão direita mostrando ao Serafim a joia do Senhor como prova e o Serafim ao vê-la subiu para escolta-los.

A caravana entrava na Cidade Santa.

## Contos Espirituais

### Quinze Minutos

**E**ra uma vez, há muitos e muitos anos, uma escola de anjos.

Conta-se que, naquele tempo, antes de se tornarem anjos de verdade, os aprendizes de anjos passavam por um estágio. Durante um certo período, eles saíam em duplas para fazer o bem e no final de cada dia, apresentavam ao anjo mestre um relatório das boas ações praticadas.

Aconteceu então, um dia, que dois anjos estagiários, depois de vagarem exaustivamente por todos os cantos, regressavam frustrados por não terem podido praticar nenhum tipo de salvamento sequer. Parece que, naquele dia, o mal estava de folga.

Enquanto voltavam tristes, os dois se depararam com dois lavradores que seguiam por uma trilha. Neste momento, um deles, dando um grito de alegria, disse para o outro:

- Tive uma idéia. Que tal darmos o poder a estes dois lavradores por quinze minutos para ver o que eles fariam? O outro respondeu:

- Você ficou maluco? O anjo mestre não vai gostar nada disto!

Mas o primeiro retrucou:

- Que nada, acho que ele até vai gostar! vamos fazer isso e depois contaremos para ele...

E assim o fizeram. Tocaram suas mãos invisíveis na cabeça dos dois e se puseram a observá-los. Poucos passos adiante, eles se separaram e seguiram por caminhos diferentes. Um deles, após alguns passos depois de terem se separado, viu um bando de pássaros voando em direção à sua lavoura, e passando a mão na testa suada, disse:

- Por favor meus passarinhos, não comam toda a minha plantação! Eu preciso que esta lavoura cresça e produza, pois é daí que tiro o meu sustento.

Naquele momento, ele viu espantado a lavoura crescer e ficar prontinha para ser colhida em questão de segundos. Assustado, ele esfregou os olhos e pensou: devo estar cansado... e acelerou o passo.

Aconteceu que logo adiante ele caiu, ao tropeçar em um pequeno porco que havia fugido do chiqueiro. Mais uma vez, esfregando a testa ele disse:

- Você fugiu de novo meu porquinho! Mas, a culpa é minha, eu ainda vou construir um chiqueiro decente para você. Mais uma vez espantado, ele viu o chiqueiro se transformar num local limpo e acolhedor, com água corrente e o porquinho já instalado no seu compartimento. Esfregou novamente os olhos e apressando ainda mais o passo disse mentalmente: "estou muito cansado!"

Neste momento ele chegou em casa e, ao abrir porta, a tranca que estava pendurada caiu sobre sua cabeça. Ele então tirou o chapéu, e esfregando a cabeça disse:

- De novo, e o pior é que eu não aprendo. Também, não tem me sobrado tempo. Mas ainda hei de ter dinheiro para construir uma grande casa e dar um pouco mais de conforto para minha mulher.

Naquele exato momento aconteceu o milagre. Aquela humilde casinha foi se transformando numa verdadeira mansão diante dos seus olhos...

Assustadíssimo, e sem nada entender, convicto de que era tudo decorrente do cansaço, ele se jogou numa enorme poltrona que estava na sua frente e, em segundos, estava

dormindo profundamente. Não houve tempo sequer para que ele tivesse algum sonho.

Minutos depois, ele ouviu alguém pedir socorro:

- Compadre! Me ajude! Eu estou perdido!

Ainda atordoado, sem entender muito o que estava acontecendo, ele se levantou correndo. Tinha na mente, imagens muito fortes de algo que ele não entendia bem, mas parecia um sonho.

Quando ele chegou à porta, encontrou o amigo em prantos. Ele se lembrava que poucos minutos antes eles se despediram no caminho e estava tudo bem.

Então, perguntando o que havia se passado, ele ouviu a seguinte estória:

- Compadre, nós nos despedimos no caminho e eu segui para minha casa. Acontece que poucos passos adiante, eu vi um bando de pássaros voando em direção à minha lavoura. Este fato me deixou revoltado e eu gritei: "Vocês de novo, atacando a minha lavoura, tomara que seque tudo e vocês morram de fome!" Naquele exato momento, eu vi a lavoura secar e todos os pássaros morrerem diante dos meus olhos! Pensei comigo, devo estar cansado, e apressei o passo. Andei um pouco mais e cai, depois de tropeçar no meu porco que havia fugido do chiqueiro. Fiquei muito bravo e gritei mais uma vez:

"Você fugiu de novo? Por que não morre logo e pára de me dar trabalho?" Compadre, não é que o porco morreu ali mesmo, na minha frente! Acreditando estar vendo coisas, andei mais depressa, e ao entrar em casa, me caiu na cabeça a tranca da porta. Naquele momento, como eu já estava mesmo era com raiva, gritei novamente: "Esta casa. Caindo aos pedaços, por que não pega fogo logo e acaba com isto?". Para minha surpresa, compadre, naquele exato momento a minha casa pegou fogo, e tudo foi tão rápido que eu

nada pude fazer!. Mas ...

Compadre, o que aconteceu com a sua casa?... De onde veio esta mansão?

Depois de tudo observarem, os dois anjos foram, muito assustados, contar para o anjo mestre o que havia se passado. Estavam muito apreensivos quanto ao tipo de reação que o anjo mestre teria. Mas tiveram uma grande surpresa!

O anjo mestre ouviu com muita atenção o relato, parabenizou os dois pela idéia brilhante que haviam tido, e resolveu decretar que a partir daquele momento, todo ser humano teria 15 minutos de poder ao longo da vida. Só que, ninguém jamais saberia quando estes 15 minutos de poder estariam acontecendo.

Será que os próximos 15 minutos serão os seus?

Muito cuidado com tudo o que você diz, como age e aquilo que pensa! Sua mente trabalhará para que tudo aconteça, seja bom ou ruim.

### O Peso da Fé

Uma pobre senhora, com visível ar de derrota estampado no rosto, entrou num armazém, se aproximou do proprietário conhecido pelo seu jeito grosseiro, e lhe pediu fiado alguns mantimentos.

Ela explicou que o seu marido estava muito doente e não podia trabalhar e que tinha sete filhos para alimentar. O dono do armazém zombou dela e pediu que se retirasse do seu estabelecimento.

Pensando na necessidade da sua família ela implorou: "Por favor senhor, eu lhe darei o dinheiro assim que eu tiver..." ao que ele lhe respondeu que ela não tinha crédito e nem conta na sua loja.

Em pé no balcão ao lado, um freguês que as-

sistia a conversa entre os dois se aproximou do dono do armazém e lhe disse que ele deveria dar o que aquela mulher necessitava para a sua família por sua conta.

Então o comerciante falou meio relutante para a pobre mulher:

"Você tem uma lista de mantimentos?"

"Sim", respondeu ela .

"Muito bem, coloque a sua lista na balança e o quanto ela pesar, eu lhe darei em mantimentos".

A pobre mulher hesitou por uns instantes e com a cabeça curvada, retirou da bolsa um pedaço de papel, escreveu alguma coisa e o depositou suavemente na balança. Os três ficaram admirados quando o prato da balança com o papel desceu e permaneceu embaixo. Completamente pasmado com o marcador da balança, o comerciante virou-se lentamente para o seu freguês e comentou contrariado: "Eu não posso acreditar!"

O freguês sorriu e o homem começou a colocar os mantimentos no outro prato da balança. Como a escala da balança não equilibrava, ele continuou colocando mais e mais mantimentos até não caber mais nada.

O comerciante ficou parado ali por uns instantes olhando para a balança, tentando entender o que havia acontecido... Finalmente, ele pegou o pedaço de papel da balança e ficou espantado pois não era uma lista de compras e sim uma oração que dizia: "Meu Deus, o senhor conhece as minhas necessidades e eu estou deixando isto em suas mãos..."

O homem deu as mercadorias para a pobre mulher no mais completo silêncio, que agradeceu e deixou o armazém. O freguês pagou

a conta e disse: "Valeu cada centavo..."

Só mais tarde o comerciante pode reparar que a balança havia quebrado, entretanto só Deus sabe o quanto pesa uma prece...

### **Reparando o Erro**

Era uma vez um dono de uma bem sucedida farmácia numa cidade do interior. Este, era um homem bastante inteligente, mas não acreditava na existência de Deus ou de outra coisa além do seu mundo material.

Um certo dia, estava ele fechando a farmácia quando chegou uma criança aos prantos dizendo que sua mãe estava passando mal e que se ela não tomasse o remédio logo iria morrer.

Muito nervoso, e após muita insistência da criança, resolveu reabrir a farmácia para pegar o remédio. Sua insensibilidade perante aquele momento era tal que acabou pegando o remédio mesmo no escuro e entregando a criança que agradeceu e saiu dali as pressas. Minutos depois percebeu que havia entregado o remédio errado para a criança e que se sua mãe o tomasse seria morte instantânea.

Desesperado tentou alcançar a criança mas não teve êxito. Sem saber o que fazer e com a consciência pesada, ajoelhou-se e começou a chorar e dizer que, se realmente existia um Deus, que não o deixasse passar por assassino.

De repente, sentiu uma mão a tocar-lhe o ombro esquerdo e ao virar deparou-se com a criança a dizer: "Senhor, por favor não brigue comigo, mas é que cai e quebrei o vidro do remédio, dá para o senhor me dar outro?".

